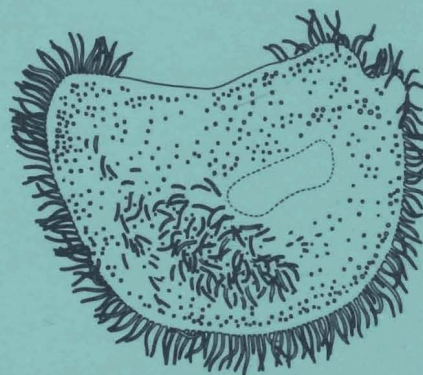
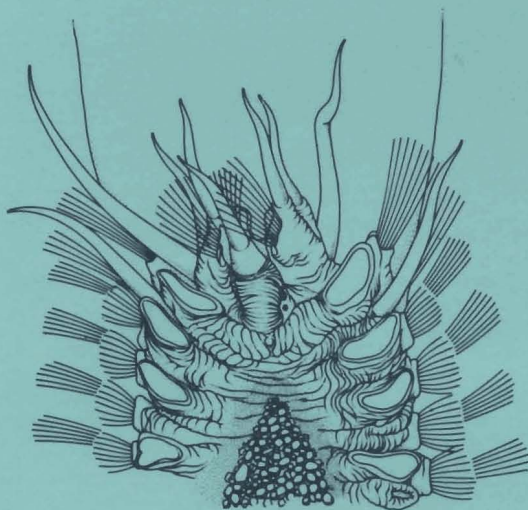
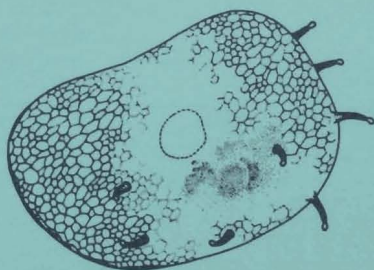


Anelídeos Poliquetos da Costa Brasileira

**Polyodontidae, Pholoidae, Sigalionidae
e Eulepethidae**



A. Cecília Z. Amaral

Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia – UNICAMP

Edmundo F. Nonato

Instituto Oceanográfico – USP

Anelídeos Poliquetos da Costa Brasileira

**Polyodontidae, Pholoidae, Sigalionidae
e Eulepethidae**

Desenhos: Toyomi Naruto

**Prof. Dra. A. Cecília Zocagami Amaral
Departamento de Zoologia
Instituto de Biologia - UNICAMP**



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Coordenação Editorial Brasília 1984

Cecília Amaral

Sumário

<i>INTRODUÇÃO</i>	7
<i>LISTA SISTEMÁTICA DAS ESPÉCIES</i>	11
<i>FAMÍLIA POLYODONTIDAE</i>	13
Gênero <i>Eupanthalis</i> McIntosh, 1876	13
Gênero <i>Panthalis</i> Kinberg, 1855	14
Gênero <i>Polyodontes</i> Renier, 1832	15
<i>FAMÍLIA PHOLOIDAE</i>	17
Gênero <i>Pholoë</i> Johnston, 1839	17
<i>FAMÍLIA SIGALIONIDAE</i>	19
Gênero <i>Ehlersileanira</i> Pettibone, 1970	20
Gênero <i>Psammolyce</i> Kinberg, 1855	20
Gênero <i>Sigalion</i> Audoin & Milne Edwards, 1832	22
Gênero <i>Sthenelais</i> Kinberg, 1855	23
Gênero <i>Sthenelanella</i> Moore, 1910	25
Gênero <i>Sthenolepis</i> Willey, 1905	25
Gênero <i>Thalenessa</i> Baird, 1868	26
<i>FAMÍLIA EULEPETHIDAE</i>	29
Gênero <i>Grubeulepis</i> Pettibone, 1969	29
Gênero <i>Pareulepis</i> Darboux, 1900	30
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	33
<i>FIGURAS</i>	37

Introdução

Com este quarto fascículo concluímos o estudo dos poliquetos de escama da superfamília Aphroditacea que compreende seis famílias: Aphroditidae e Polynoidae, (Amaral & Nonato, 1981), Polyodontidae, Pholoidae, Sigalionidae e Eulepethidae. Estas quatro últimas famílias são aqui estudadas. Polyodontidae representada por três gêneros e sete espécies; Pholoidae, por um gênero com uma espécie e uma subespécie; Sigalionidae por sete gêneros e 17 espécies e Eulepethidae, por dois gêneros e três espécies.

De um total de 29 espécies, quatro são novas para a ciência: *Eupanthalis rudipalpa*, *Psammolyce catenulata*, *Sigalion taquari* e *Pareulepis multibranchiata*. Nem todas as espécies referidas puderam ser examinadas por nós, sendo as respectivas descrições obtidas das publicações originais ou de monografia e revisões recentes, como as de Day (1967), Fauchald (1977) e Pettibone (1963-1970), entre outras. Uma discussão e estudo crítico foram acrescentados quando necessário para melhor caracterização.

Sempre que possível, referências ao habitat ou características dos locais de coleta ou procedência são fornecidas, bem como o número de indivíduos obtidos por estação. As abreviaturas referidas na procedência das espécies são: GEDIP – material coletado entre Torres (29° S) e Maldonado (35° S) durante os trabalhos do Grupo Executivo do Desenvolvimento da Indústria da Pesca (Convênio entre o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo – USP); IG (levantamento da fauna bentônica efetuado na Região da Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro) e RD (Projeto Rio Doce, material proveniente da plataforma do Estado do Espírito Santo, entre as latitudes 18°29' e 19°59'S).

Os tipos das novas espécies, bem como exemplares das demais por nós examinados, encontram-se depositadas na Coleção de Poliquetos Brasileiros (PB) do Departamento de Zoologia do Instituto de Biologia, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (ZUEC – nº PB).

4

**Polyodontidae, Pholoidae,
Sigalionidae e Eulepethidae**

Lista Sistemática das Espécies

Polyodontidae

Eupanthalis kinbergi McIntoch, 1876
Eupanthalis rudipalpa sp. nov.
Panthalis bicolor Grube, 1877
Panthalis gracilis Kinberg, 1858
Panthalis oerstedii Kinberg, 1855
Polyodontes oculatea (Treadwell, 1901)
Polyodontes pustulata (Treadwell, 1924)

Sthenelais limicola (Ehlers, 1864)
Sthenelais mülleri Grube, 1875
Sthenelais zeylanica Willey, 1905
Sthenelanella atypica Berkeley & Berkeley, 1941
Sthenolepis grubei (Treadwell, 1901)
Sthenolepis oculata (Hartman, 1942)
Thalenessa edwardsi (Kinberg, 1855)
Thalenessa lewisii (Berkeley & Berkeley, 1939)

Pholoidae

Pholoë minuta (Fabricius, 1780)
Pholoë minuta hirsuta Rullier & Amoureux, 1979

Eulepethidae

Grubeulepis fimbriata (Treadwell, 1901)
Grubeulepis tebblei Pettibone, 1969
Pareulepis multibranchiata sp. nov.

Sigalionidae

Ehlersileanira incisa (Grube, 1877)
Psammolyce arenosa (Delle Chiaje, 1841)
Psammolyce catenulata sp. nov.
Psammolyce fimbriata Hartman, 1939
Psammolyce flava Kinberg, 1855
Sigalion arenicola Verrill, 1879
Sigalion taquari sp. nov.
Sthenelais articulata Kinberg, 1855
Sthenelais boa (Johnston, 1833)

Família *POLYODONTIDAE* *Pflugfelder, 1934*

Corpo longo, vermiforme, com segmentos muito numerosos. Prostômio bilobado com 2 ou 3 antenas e um par de palpos longos. A antena mediana, quando presente, inserida dorsalmente e as laterais com inserção terminal, abaixo dos olhos. Olhos pedunculados (com omatóforo volumoso) ou sésseis. Primeiro segmento com 2 pares de cirros tentaculares, com ou sem cerdas. Escamas dos primeiros pares geralmente grandes; as demais relativamente pequenas, recobrimdo o corpo apenas lateralmente e em toda a sua extensão, deixando descoberta a faixa mediana. Segmentos da região anterior dotados de glândulas fiandeiras que se abrem na extremidade dos notopódios. Brânquias vesiculares presentes em alguns gêneros. Parapódios birremes, com notopódio reduzido. Cerdas notopodiais delgadas pouco numerosas ou ausentes. Cerdas neuropodiais de diferentes tipos. Faringe musculosa, eversível, armada de 4 dentes quitinosos.

São carnívoros e geralmente constroem tubos de lodo compacto, revestidos internamente por uma camada de fios sedosos produzidos pelas glândulas fiandeiras.

Chave para gêneros

- 1. Com olhos sésseis *Eupanthalis*
 - Com olhos pedunculados (com “omatóforos”) 2
- 2. Com brânquias. Sem cerdas peniciladas *Polyodontes*
 - Sem brânquias. Com cerdas peniciladas *Panthalis*

Gênero *Eupanthalis* McIntosh, 1876

Prostômio com 4 olhos sésseis. Parapódios birremes, com o ramo dorsal provido de um pequeno feixe de cerdas capilares em alguns segmentos anteriores e aqueta nos demais. Cerdas neuropodiais de 3 ou 4 tipos: espinhosas, na parte superior do feixe; aristadas na parte mediana e falciformes serrilhadas, na parte inferior; cerdas peniciladas ocorrem em algumas espécies. Sem brânquias.

Chave para espécies

- 1. Palpos longos e glabros *Eupanthalis kinbergi*
 - Palpos moderadamente longos com a superfície anelada e recoberta por papilas *Eupanthalis rudipalpa*

Eupanthalis kinbergi McIntosh, 1876

Eupanthalis kinbergi McIntoshi, 1876: 404, est. 72, fig. 12-16; Fauvel, 1923: 100-101, fig. 38 i-q; Day 1967: 94, fig. 1. 17a-f; Rullier & Amoureux, 1979: 153.

Corpo longo e vermiforme, alcançando cerca de 120mm de comprimento. Prostômio bilobado, com 12 pares de olhos sésseis; antenas subuladas mais longas que o prostômio, a mediana inserida junto à borda posterior do mesmo; palpos muito longos, relativamente delgados. Tromba armada de duas placas com 4 - 5 dentículos na base e extremidade orlada por papilas simples ou bífidas. Escamas planas e glabras; os primeiros pares imbricados

sobre o dorso, os demais deixando larga faixa dorsal descoberta. Glândulas espiníferas presentes a partir do 8º setígero. Naupódio robusto, truncado com um feixe superior de cerdas capilares espinhosas, um feixe mediano formado por cerdas aciculares com extremidade pilosa com ou sem arista, dispostas em palissada e um feixe inferior de cerdas falciformes denteadas.

DISTRIBUIÇÃO — Antilhas, Angola e Mediterrâneo. Brasil: Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul; em fundos de lodo, areia e conchas, em profundidades de 26 a 150m (Rullier & Amoureux, 1979).

***Eupanthalis rudipalpa* sp. nov.**
(figuras 1-11)

MATERIAL EXAMINADO — Três exemplares incompletos. O holótipo (ZUEC-18PB) é um exemplar com todas as escamas, com 50 setígeros e 48mm de comprimento. Os 2 parátipos (ZUEC-19-20PB) são constituídos por fragmentos anteriores com o prostômio e apêndices bem preservados, porém de menores dimensões.

Corpo medianamente robusto. Prostômio parcialmente oculto pelas escamas do primeiro par, que são largas e imbricadas; 2 olhos grandes, sésses, junto à margem externa e duas manchas punctiformes conspícuas (figura 1). Palpos moderadamente longos, com a superfície pregueada simulando uma anelação e recoberta por papilas dispostas em faixas irregulares (figuras 2 e 3). Escamas dos 4 primeiros pares, de tamanho decrescente, como é peculiar à família, deixando, após o 6º setígero, o dorso largamente descoberto. O notopódio reduzido nos primeiros setígeros a um lóbulo globuloso, ápodo e sustentado por um acículo delgado. Neuropódios truncados, com cerdas agrupadas em 3 ou 4 feixes distintos, emergindo entre lóbulos curtos e arredondados; acículo neuropodial muito robusto (figuras 4 e 5). Nos 3 primeiros setígeros ocorrem algumas cerdas capilares, na parte superior, seguidas por 8-10 cerdas mais delgadas, com limbo denteado unilateralmente; o feixe inferior é formado por cerdas em espiga, aproximadamente retas. A partir do 10º e 12º setígeros as cerdas capilares são substituídas por uma ou duas cerdas delgadas, em espiga, retas e de forma peculiar (figura 9) e as aristadas (figuras 7 e 8), por cerdas igualmente robustas, desprovidas de arista, mas com um pequeno tufo piloso, assimétrico. As cerdas ventrais em espiga são recurvadas, falciformes (figura 6) e peniciladas (figuras 10 e 11). Cirros ventrais triangulares, comprimidos; cirros dorsais, onde ocorrem, cônico-subulados, ambos bem desenvolvidos pelo menos até o 50º setígero.

DISCUSSÃO — *Eupanthalis rudipalpa* sp. nov. é caracterizada principalmente pela presença de pa-

pilas longas e abundantes recobrimdo os palpos. Assemelha-se quanto às cerdas, e *E. oculata* Hartman, 1944 e a *E. kinbergi* McIntosh, 1876. Distingue-se claramente de *E. oculata*; espécie que, segundo a autora, possui olhos enormes e cuja antena mediana tem posição diferente.

Quanto à *E. kinbergi*, espécie do Atlântico Norte, os exemplares descritos por Day (1967) têm os palpos glabros (figuras 1 - 17a) e a cerda aristada não tem arista, assemelhando-se mais ao segundo tipo encontrado em *E. rudipalpa* sp. nov. A referência a *E. kinbergi*, assinalada na costa brasileira por Rullier e Amoureux (1979) é por demais suscita e não-ilustrada.

PROCEDÊNCIA — Estação 437 GEDIP (30° 25'S), 3 exemplares em fundos de areia média, em profundidade de 195m.

LOCALIDADE TIPO — Brasil, costa sul (ao largo do Rio Grande do Sul).

ETIMOLOGIA — O nome da nova espécie enfatiza o aspecto hirsuto ou rude dos palpos.

Gênero *Panthalis* Kinberg, 1855

Prostômio com 2 olhos grandes, inseridos sobre omatóforos e duas manchas oculares geralmente minúsculas. Notopódio rudimentar, sem cerdas. Cerdas neuropodiais de 3 tipos: aristadas, falciformes e peniciladas. Sem brânquias.

Chave para espécies

1. Corpo longo e robusto; prostômio globuloso *Panthalis bicolor*
— Corpo geralmente curto e delicado 2
2. Cerdas aristadas com extremidade glabra e arista curta *Panthalis oerstedii*
— Cerdas aristadas com extremidade pilosa e arista longa *Panthalis gracilis*

Panthalis bicolor Grube, 1877

Panthalis bicolor Grube. Fauvel & Rullier, 1957: 50-53, fig. 1; Rullier & Amoureux, 1979:153.
Acoetes magnifica Treadwell, 1914:1-4, fig. 1-7 (apud Fauvel & Rullier).

Espécie robusta, alcançando 100 ou mais mm de comprimento. Prostômio globuloso, com omatóforos longos e olhos fortemente pigmentados, com duas manchas punctiformes em sua base. Tromba medianamente robusta com o bordo orlado de 24 a 26 papilas, das quais as medianas são as mais longas; a dorsal cerca de três vezes maior que a ventral. Escamas recobrimdo o dorso, exceto nos primeiros segmentos que, no material fixado, são sempre fortemente convexos e salientes. Glându-

las fiandeiras a partir do 9º setífero, volumosas e se abrindo em uma ampola distal conspícua; os filamentos de seda extrudados são abundantes em alguns exemplares. Neuropódio com cerdas aristadas robustas, cerdas pseudopeniciladas, cerdas peniciladas verdadeiras e cerdas falciformes denteadas. Rullier & Amoureux (1979) mencionam para os exemplares da costa brasileira a presença das cerdas características “bipenato-penicillatae”, acrescentando que a espécie é muito próxima de *P. oerstedii* Kinberg.

DISTRIBUIÇÃO — No Atlântico: Antilhas, África e Brasil; no Indo-Pacífico: Filipinas, Malásia, Ceilão, Madagascar. No Brasil foi coletada ao largo da costa sul (São Paulo e Rio Grande do Sul), em fundos de lodo, 100-117m de profundidade (Rullier & Amoureux, 1979).

***Panthalis gracilis* Kinberg, 1858**

Panthalis gracilis Kinberg, 1910:26, est. 10, fig. 61; Hartman, 1948:31-32.

A espécie reconhecida como válida por Hartman (1948) foi descrita por Kinberg (Expedição “Eugenie”) com 2 exemplares coletados na costa brasileira. Seriam características para a espécie as cerdas aristadas, com extremidade pilosa e longa arista. As cerdas peniciladas têm o aspecto característico para o gênero. Quanto ao nome específico *gracilis*, indicaria uma espécie de pequenas proporções ou como admite Hartman, exemplares imaturos.

A descrição original é sumária e imprecisa. Hartman, que reviu os tipos de Kinberg, nada pode acrescentar devido ao estado precário dos mesmos.

DISTRIBUIÇÃO — Brasil: conhecida apenas no Rio de Janeiro (latitude 22°30’) em profundidade de 35 e 50m (Kinberg, 1910).

***Panthalis oerstedii* Kingerb, 1855 (figuras 12-18)**

Panthalis oerstedii Kinberg, 1910: 25-26, est. 7, fig. 34; Fauvel, 1932: 39-41, fig. 7; Temperini, 1981: 8-9, fig. 3-14.

Panthalis jogazimae Izuka, 1912: 68, est. 1, fig. 6, est. 8, fig. 1-6.

MATERIAL EXAMINADO — Cinco exemplares incompletos, o maior com 26 setíferos e 18,0mm de comprimento, incluindo a tromba. Este material foi analisado por Temperini (1981).

Prostômio bilobado, com 2 grandes olhos pendunculados e 2 olhos punctiformes, na base dos omatóforos. Antenas laterais com insecção ventral e mais longas que os omatóforos. Palpos robustos, subulados (figura 12). Segmento tentacular com 2

pares de cirros longos e com pequenos feixes de cerdas capilares delgadas. Escamas glabras e delgadas, com a borda lisa; os 3 primeiros pares imbricados, recobrando a região anterior; os demais imbricados apenas lateralmente, deixando a faixa dorsal mediana descoberta. Notopódio provido de algumas cerdas capilares farpadas, conspícuas apenas no 1º setífero. Neuropódio do 1º setífero com cerdas aciculares com extremidade lisa e aguçada e cerdas farpadas formando feixe volumoso (figura 13). A partir do 2º ou 3º setífero aparecem cerdas aristadas (figura 16) e cerdas falciformes denteadas (figuras 14 e 18), acompanhadas a partir do 8º, por cerdas peniciladas verdadeiras (figura 17). Glândulas fiandeiras de cor amarelo-metálico são conspícuas a partir do 8º setífero (figura 15). Tubo de lodo compacto, de parede espessa e revestido internamente por uma trama de fios sedosos, de cor branca.

DISTRIBUIÇÃO — Descrita originalmente da Suécia, sua distribuição alcança no Atlântico as Ilhas do Cabo Verde e o sul do Brasil. No Indo-Pacífico é referida para o Panamá, Zanzibar, Índia e Japão. No Brasil foi coletada na costa sul (Rio Grande do Sul), em fundos de lodo e profundidade de 107m (Temperini, 1981).

Gênero *Polyodontes* Renier, 1832

Prostômio com 4 olhos, os anteriores conspícuos, inseridos sobre omatóforos longos e robustos; os posteriores pequenos, sobre a base dos omatóforos ou sobre o prostômio. Parapódios com o ramo dorsal reduzido, com poucas cerdas capilares curtas; neuropódios largos, com 3 tipos de cerdas: aristadas, falcadas e pseudopeniciladas. Brânquias, quando presentes, saculares, vesiculosas ou digitadas.

Chave para espécies

1. Prostômio grande, largo e arredondado. Com cerdas pseudopeniciladas *Polyodontes pustulata*
- Prostômio minúsculo. Sem cerdas pseudopeniciladas *Polyodontes oculea*

***Polyodontes oculea* (Treadwell, 1901)**

Panthalis oculea Treadwell, 1901: 188-189, fig. 14-18.

Polyodontes oculea (Treadwell). Nonato & Luna, 1970: 69-70, est. 7, fig. 83-94, Nonato, 1982: 53.

Corpo robusto, com segmentos muito numerosos; alcançando um diâmetro de cerca de 15mm na região anterior. Prostômio minúsculo; antenas finas e subuladas, de comprimento uniforme, a me-

diana com ceratóforo globuloso, as laterais com inserção ventral; palpos longos e robustos; 2 olhos grandes, pedunculados e duas manchas punctiformes na base dos omatóforos. Tromba enorme, quando extrovertida, com 30 papilas folhosas na extremidade. Escamas elípticas ou ovaladas, lisas e planas nos exemplares bem conservados, apenas as do primeiro par grandes e imbricadas, as dos subseqüentes, de tamanho rapidamente decrescente, deixando a partir do 6º setífero larga faixa mediana descoberta. Parapódios birremes, porém, apenas o 1º setífero tem dois lóbulos bem desenvolvidos e com cerdas capilares longas e sedosas; os setíferos subseqüentes têm notopódios providos unicamente de algumas cerdas curtas, capilares farpadas. Neuropódios com cerdas dispostas em 2 feixes verticais paralelos; as do feixe anterior, capilares rígidas; as do feixe posterior, de 3 tipos: capilares farpadas, curtas; em espiga, falciformes e aristadas robustas. Glândulas fiandeiras volumosas presentes do 9º setífero até o 20º. Vesículas branquiais, simples ou ramificadas, a partir do 6º ou 7º setífero.

DISTRIBUIÇÃO — Califórnia, México, Panamá e Antilhas. Brasil, costa nordeste (Alagoas) (Nonato & Luna, 1970) e sul (Rio de Janeiro) (Nonato, 1982).

***Polyodontes pustulata* (Treadwell, 1924)**

Panthalis pustulata Treadwell, 1924: 7-9, fig. 10-15.

Acoetes magnífica (Treadwell, 1929). Fide Hartman, 1939: 83 e 87.

Polyodontes pustulata (Treadwell). Nonato & Luna, 1970: 70, est. 6, fig. 73-82, Nonato, 1982: 54-55.

Corpo medianamente robusto, com segmentos relativamente pouco numerosos; não ultrapassando nos exemplares brasileiros, um diâmetro de cerca de 6mm, na região anterior. Prostômio grande, largo e arredondado; antena mediana ligeiramente mais longa que as laterais, inserida sobre ceratóforo cônico; palpos robustos, duas vezes mais longos que o prostômio. Um par de olhos grandes, na extremidade de ceratóforos curtos e um par de manchas punctiformes. Tromba com a extremidade guarnecida por 28 a 30 papilas lanceoladas, semelhantes entre si. Placas quitinosas da tromba com dentes anteriores longos. Escamas lisas. Notopódio rudimentar, exceto no 2º setífero, em que é provido de algumas cerdas capilares. Neuropódios com cerdas de 4 tipos, dispostas em séries verticais; na parte superior, capilares e pseudopeniciladas; na parte mediana, aristadas numerosas e muito robustas e em espiga, falciformes com haste longa, na parte inferior do lóbulo. Glândulas fiandeiras do 9º ao 20º-25º setífero. Vesículas branquiais simples ou ramificadas, retrácteis.

DISTRIBUIÇÃO — *Polyodontes pustulata* e *Acoetes magnífica* foram descritas das Antilhas. No Brasil a espécie foi encontrada na costa nordeste (Alagoas) (Nonato & Luna, 1970) e sul (Rio de Janeiro) (Nonato, 1982).

Família PHOLOIDAE

Kinberg, 1858

Corpo curto com numerosos segmentos. Prostômio ovalado, com uma única antena. Um par de palpos curtos e 2 pares de olhos. Segmento tentacular com ou sem acículo e cerdas. Escamas recobrimdo totalmente o dorso ou deixando a região médio dorsal descoberta. Superfície ventral do corpo provida de papilas. Brânquias e cirro dorsal ausentes. Parapódios birremes, com notopódio redondo, subcônico, menos desenvolvido que o neuropódio. Cerdas notopodiais simples. Cerdas neuropodiais compostas falcíferas. Tromba muscular, eversível, armada de um par de placas quitinosas denteadas. Pigídio pequeno com 2 uritos longos.

Esta família inclui formas escavadoras que são encontradas sob rochas, em fissuras ou em fundos lodosos, com fragmentos de conchas e detritos. Ocorrem desde a zona entre marés até grandes profundidades.

Gênero *Pholoë* Johnston, 1839

Com uma única antena inserida sobre base curta, sem ctenídias. Escamas com papilas. Cerdas notopodiais simples, com espinhos, geniculadas. Cerdas neuropodiais compostas falcíferas, unidentadas.

***Pholoë minuta* (Fabricius, 1780)**
(figuras 19-25)

Pholoë minuta (Fabricius). Pettibone, 1963: 46, fig. 10 f-g; Day, 1967: 100, fig. 1-18 g-i; Temperini, 1981: 10, fig. 23-28.

MATERIAL EXAMINADO – Dois exemplares incompletos, o maior tem 16 setígeros e mede 1,5mm de comprimento. Material analisado por Amaral & Braga (não publicado).

Antena mediana, grossa e subulada. 2 pares de olhos coalescentes (figura 19). Segmento tentacular desprovido de cerdas. Superfície ventral do corpo e dos parapódios recoberta por papilas. Escamas com a superfície e bordo externo provida de algumas papilas aneladas (figuras 20 e 21). Cerdas notopodiais simples, finamente espinhosas, sendo as mais externas curtas e com uma curvatura pronunciada (figuras 22 e 23); as restantes longas e com curvatura menos pronunciada (figura 24). Cerdas neuropodiais compostas falcíferas, unidentadas (figura 25).

DISTRIBUIÇÃO – Cosmopolita. No Brasil: Espírito Santo (Rio Doce) e Paraná.

***Pholoë minuta hirsuta* Rullier & Amoureux, 1979**

Pholoë minuta hirsuta Rullier & Amoureux, 1979: 154, fig. 3.

Pholoë minuta hirsuta difere de *Pholoë minuta* pelos olhos não-coalescentes e, principalmente, pelas escamas com o bordo guarnecido de numerosas papilas longas e digitadas, não-aneladas.

A subespécie foi descrita por Rullier & Amoureux (1979), com um único exemplar coleta-

do no Estado da Bahia (18° latitude Sul); os autores admitem que pode se tratar de um exemplar muito jovem de *P. minuta* (Fabricius).

DISTRIBUIÇÃO – Conhecida apenas a ocorrência do tipo, Espírito Santo.

Família SIGALIONIDAE

Malmgren, 1867

Corpo longo, com segmentos numerosos. Prostômio conspicuo, geralmente com 3 antenas; a mediana, inserida sobre ceratóforo com ou sem ctenídias, exceto no gênero *Thalenessa*, onde é pequena e rudimentar. Antenas laterais em geral parcialmente fundidas com o segmento tentacular. 2 pares de olhos e um par de palpos geralmente longos. Segmento tentacular com 2 pares de cirros e freqüentemente dotado de cerdas simples. Escamas imbricadas recobrimdo completamente o dorso; às vezes revestidas por grãos de areia aderidos às papilas da superfície. Brânquias cirriformes inseridas sobre tubérculos dorsais ou sobre os elitróforos, sob as escamas. Parapódios birremes com 2 ramos bem desenvolvidos e a extremidade freqüentemente provida de longas papilas digitadas ou “estilódios”. Cirro dorsal presente apenas no 3º setífero ou de todo ausente; cirro ventral bem desenvolvido em todos os segmentos. Cerdas notopodiais de um único tipo: capilares, longas e sedosas, lisas ou delicadamente serrilhadas. Cerdas neuropodiais numerosas predominantemente compostas, com artícu-los simples ou segmentados e mais ou menos longos; cerdas simples em espiga podem ocorrer na parte superior do feixe neuropodial. Tromba mus-culosa, eversível, armada de duas placas quitinosas denteadas.

São em sua maioria predadores, escavadores e habitando fundos de areia ou lodo arenoso, raramente vivem em tubos.

Chave para gêneros

1. Escamas com papilas nos bordos e em toda a superfície, geralmen-

- | | |
|---|-----------------------|
| te incrustadas de grãos de areia | <i>Psammolyce</i> |
| – Escamas com papilas apenas nos bordos, ou sem papilas, não-incrustadas de areia | 2 |
| 2. Com duas antenas minúsculas, de inserção lateral (falta a antena mediana); escamas com papilas pinadas | <i>Sigalion</i> |
| – Com 3 antenas minúsculas e sem ceratóforo; escamas com papilas folhosas | <i>Thalenessa</i> |
| – Com três antenas, sendo a mediana longa e subulada, implantada sobre um ceratóforo; antenas laterais pequenas e parcialmente fundidas com o segmento tentacular | 3 |
| 3. Ceratóforo da antena mediana com expansões auriculares na base | 4 |
| – Ceratóforo da antena mediana sem ctenídias | <i>Leanira*</i> |
| 4. Cerdas neuropodiais compostas multiarticuladas | <i>Sthenelais</i> |
| – Cerdas neuropodiais compostas com artícu-ulo não-segmentado | 5 |
| 5. Artícu-ulo das cerdas neuropodiais curto, uni ou bidentado | <i>Sthenelanella</i> |
| – Artícu-ulo das cerdas neuropodiais longo, subulado | 6 |
| 6. Com cirro dorsal no 3º setífero | <i>Sthenolepis</i> |
| – Sem cirros dorsais | <i>Ehlersileanira</i> |

* com uma espécie referida para a costa brasileira, ainda não publicada.

Gênero *Ehlersileanira* Pettibone, 1970

Prostômio com 3 antenas; a mediana com ceratóforo e ctenídias; as laterais pequenas e parcialmente fundidas com o segmento tentacular. Escamas lisas sem tubérculos ou papilas. Cirros dorsais ausentes. Cerdas neuropodiais simples; em espiga e compostas espiníferas com articulo canaliculado.

Ehlersileanira incisa (Grube, 1877) (figuras 26-30)

Sthenelais incisa Grube, 1877: 519.

Ehlersileanira incisa (Grube). Pettibone, 1970: 19, fig. 10-12; Temperini, 1981: 9, fig. 16-21.

MATERIAL EXAMINADO — Dois exemplares incompletos com 59 e 85 setíferos, medindo, respectivamente, 67 e 50mm de comprimento. Material analisado por Temperini (1981).

Prostômio oval parcialmente fundido com o segmento tentacular. Antena mediana com um par de ctenídias unidas medianamente; antenas laterais com ceratóforo indistinto, fundido com os parapódios tentaculares. 2 pares de olhos (figura 26). Brânquias aparentes a partir do 30º setífero. Parapódios com 3 ctenídias em forma de estilódios compostos por papilas filamentosas e digitiformes (figura 27). Cerdas notopodiais simples, delgadas, com espinhos (figura 28). Cerdas neuropodiais superiores, em espiga (figura 29) e compostas espiníferas com haste longa e parte interna canaliculada (figura 30). Papilas segmentais tubulares presentes a partir do 24º setífero, situadas logo abaixo do cirro ventral.

DISTRIBUIÇÃO — Antilhas, Golfo do México, Florida, Oeste da África e Filipinas. Brasil, costa sul (Paraná e Rio Grande do Sul) (Temperini, 1981).

Gênero *Psammolyce* Kinberg, 1855

Prostômio com 3 antenas. Antena mediana implantada sobre um ceratóforo sem ctenídias; antenas laterais pequenas e parcialmente fundidas com o segmento tentacular. Escamas com face dorsal e bordos providos de papilas adesivas que aglutinam fortemente grãos de areia. Cirro dorsal presente somente no 3º setífero. Cerdas neuropodiais compostas falcíferas, unidentadas e bidentadas.

Chave para espécies

1. Escamas com papilas longas e multiarticuladas, tanto na borda externa quanto na superfície
Psammolyce catenulata
- Escamas com papilas curtas, filamentosas ou digitadas e superfí-

cie geralmente glabra 2

2. Com cerdas neuropodiais compostas com haste lisa e articulo profundamente fendido *Psammolyce flava*
- Cerdas neuropodiais compostas com haste espinhosa e articulos com extremidade bidentada 3
3. Com os 2 pares de olhos de tamanho subigual, sobre a face dorsal do prostômio *Psammolyce arenosa*
- Com os olhos do par anterior muito maiores e dispostos na face látero-ventral do prostômio *Psammolyce fimbriata*

Psammolyce arenosa (Delle Chiaje, 1841) (figuras 31 e 32)

Psammolyce arenosa (Delle Chiaje). Fauvel, 1923: 106, fig. 40a-m; Nonato & Luna, 1970: 70-7; Rullier & Amoureux, 1979: 154.

Psammolyce kinbergi Hansen, 1882: 5, est. 1, fig. 10-13.

MATERIAL EXAMINADO — Um exemplar incompleto de 35 setíferos e 28mm de comprimento. Material estudado por Nonato & Luna (1970).

Dorso inteiramente recoberto por grãos de areia. Prostômio pequeno, com 2 pares de olhos ocultos pela base da antena mediana; os anteriores muito maiores (figuras 31 e 32). Escamas largas, com grandes papilas clavadas, na margem. Cerdas notopodiais capilares, finamente espinhosas. Cerdas neuropodiais compostas, com articulos curtos e largos; as inferiores muito mais finas, com articulos longos. No 2º e 3º setífero, algumas cerdas neuropodiais superiores têm a haste fortemente espinhosa; nas demais a haste é apenas rugosa ou lisa.

PROCEDÊNCIA — Ilha Grande Est. 251. Um exemplar em fundos de areia e conchas.

DISTRIBUIÇÃO — Mediterrâneo, Costa Ocidental da África, Antilhas. Brasil: costa nordeste (Alagoas) (Nonato & Luna, 1970).

Psammolyce catenulata sp. nov. (figuras 33-43)

MATERIAL EXAMINADO — Os três exemplares desta coleção são incompletos. O holótipo (ZUEC-21PB) é constituído por um fragmento com 62 setíferos, com todas as escamas perfeitas e mede 23mm de comprimento, com um diâmetro de cerca de 3,8mm. Os 2 parátipos (ZUEC-22-23 PB), têm, respectivamente, 56 e 50 setíferos e conservam a maioria das escamas.

Forma pequena e robusta, não recoberta por areia ou detritos. Apenas as escamas dos primeiros

segmentos são recobertas por minúsculos fragmentos calcários. O dorso, ao longo da linha mediana, e as demais escamas são praticamente desnudos, com raros grãos de areia, dispostos regularmente. Prostômio ladeado pelos parapódios do 1º setígero, que são dirigidos para frente. Antena mediana inserida sobre um ceratóforo volumoso, longo e com um estrangulamento mediano (figuras 33 e 34). O comprimento da antena varia nos 3 exemplares examinados; a mais longa alcançando um comprimento igual ao do ceratóforo. Antenas laterais inconspícuas; eventualmente representadas por 2 pequenas papilas, na face dorsal dos parapódios do 1º setígero. 2 pares de olhos; um anterior maior e parcialmente oculto sob o ceratóforo. Escamas dos segmentos anteriores imbricadas, recobertas por fragmentos calcários e restos de Foraminíferos e orladas por uma franja de papilas filiformes. As do primeiro par são triangulares ou piriformes alongadas, com ápice dirigido para frente, ocultando completamente o prostômio. As demais são ovaladas, deixando, a partir do 5º setígero, uma larga área dorsal descoberta. As escamas do 4º par e subseqüentes são providas de uma franja de papilas cilíndricas, muito longas e multiarticuladas (figuras 35 e 36); papilas semelhantes, porém mais curtas, ocorrem em sua superfície, acompanhadas por papilas cônicas e piriformes. Parapódios com 3 ctenídias grandes, dispostas entre o elitróforo e o notopódio. O 3º setígero é provido de um cirro dorsal rudimentar (figura 37). Notopódio clavado, provido unicamente de cerdas capilares espinhosas, reunidas em um feixe volumoso e aberto em leque, recobrinho parcialmente as cerdas ventrais. Neuropódio longo, truncado, com papilas multisegmentadas dispostas irregularmente no bordo distal e formando dois tufos na parte inferior; um deles apical e o segundo junto ao cirro ventral (figura 38). Cerdas neuropodiais todas compostas, com articulo não-segmentado e de extremidade bífida; as superiores mais robustas, com artículos predominantemente curtos e largos (figura 42); as inferiores, delgadas, com artículos longos (figura 43). O 2º e 3º setígeros são caracterizados pela presença de cerdas com haste espinhosa (figura 39-41). Nas cerdas mais delgadas a parte farpada alcança 1/3 a 1/2 do seu comprimento livre; nas mais robustas cerca de 1/5. No 4º setígero ainda ocorrem algumas cerdas com haste espinhosa em pequena extensão; essa característica desaparece nos subseqüentes, onde as cerdas têm hastes praticamente lisas. Nos segmentos da região mediana o comprimento das papilas filiformes alcança o do cirro ventral (figura 38).

DISCUSSÃO — *Psammolyce catenulata* sp. nov. é conspicuamente caracterizada pelas longas papilas multisegmentadas que guarnecem o bordo das escamas e dos parapódios. Escamas com uma franja de papilas articuladas foram descritas em *Psammo-*

lyce articulata Day (1960: 293, fig. 4), espécie em que a região ventral e a base dos parapódios são também recobertas por minúsculas papilas cônicas ou esféricas. Porém, essa espécie se distingue claramente da atual, pelo prostômio dotado de antenas laterais conspícuas e pelas papilas parapodiais não-segmentadas. Em *P. catenulata* as papilas do bordo distal dos neuropódios, e as que acompanham o cirro ventral, são longas e distintamente articuladas. *Psammolyce semiglabra* Monro (1936: 106-108, fig. 14), cujas escamas Day atribui papilas distintamente articuladas, teria também a região dorsal desnuda e feixes notopodiais de forma idêntica à da espécie atual. Porém, as cerdas neuropodiais com a extremidade da haste alargada diferem significativamente e o cirro ventral não é acompanhado por papilas.

PROCEDÊNCIA — Estação IG 41. Três exemplares em fundo de areia com fragmentos de conchas.

LOCALIDADE TIPO — Brasil, costa sul (Rio de Janeiro: Ilha Grande).

ETIMOLOGIA — A denominação específica é justificada pelo aspecto catenular das papilas moniliformes ou multiarticuladas, muito longas.

***Psammolyce fimbriata* Hartman, 1939**
(figuras 67-70)

Psammolyce fimbriata Hartman, 1939: 74-75; est. 20, fig. 244-245.

Psammolyce spinosa Hartman. Nonato & Luna, 1970: 71-72; est. 19, fig. 68-72.

MATERIAL EXAMINADO — Um exemplar incompleto com 65mm de comprimento e 8mm de diâmetro na região anterior.

Corpo alongado e robusto, de secção elíptica, com face dorsal densamente recoberta por grãos de areia; face ventral rugosa, revestida por papilas cilíndricas, curtas e muito numerosas.

Prostômio oval, afilado na parte anterior. Antena mediana longa e sem ctenídias, inserida sobre um ceratóforo volumoso, dirigido para baixo (ventralmente), ocultando parcialmente as outras estruturas do prostômio. 2 pares de olhos, dos quais o anterior é muito grande e ocupa posição ventral. Escamas com a superfície papilosa, aglutinando solidamente grãos de areia e partículas diversas em revestimento contínuo; o bordo externo é orlado por um franja longa e o interno dotado de 2-3 apêndices folhosos ou piriformes achatados, também franjados. Notopódio com um volumoso feixe de cerdas capilares farpadas de um único tipo. Cerdas neuropodiais todas compostas, com haste farpada ou lisa e artículos simples, de comprimento variável, com extremidade bífida. O ra-

mo mais delgado do ápice das cerdas é muito frágil, persistindo apenas um pequeno número delas; a maioria das cerdas mostra apenas vestígios desse segundo ramo, tendo a extremidade inteira e ligeiramente recurvada. Os parapódios do 2º, 3º e 4º setíferos são caracterizados pela presença. no feixe neuropodial supra-acicular, de algumas cerdas com haste delgada e fortemente espinhosa (figuras 67, 68 e 69). Tais cerdas desaparecem após o 4º setífero (figura 70).

DISCUSSÃO — *Psammolyce fimbriata* Hartman se assemelha a *P. spinosa* Hartman, espécie assinalada, com alguma reserva, no Nordeste do Brasil (Nonato & Luna, 1970: 71-72). Hartman menciona a presença de cerdas com haste fortemente espinhosa em alguns dos segmentos anteriores, tanto de *P. fimbriata*, quanto de *P. spinosa*. No exemplar único de *P. spinosa*, de Alagoas, tais cerdas foram encontradas em todos os segmentos da região anterior, até pelo menos o 32º. Essa peculiaridade nos levou a considerar, com reservas, a provável identidade da espécie. Também não nos pareceu, na ocasião, muito convincente a distinção entre *P. spinosa* e *P. fimbriata* (Nonato & Luna, 1970). Os exemplares atuais, da Ilha Grande, correspondem perfeitamente à descrição original de Hartman. O ceratóforo da antena mediana, conspicuamente dirigido para baixo e os grandes olhos do par anterior, são muito característicos. *Psammolyce flava* Kinberg, descrita originalmente do Rio de Janeiro (Kinberg, 1910: 31-32; est. 9; fig. 44) se distingue claramente de *P. fimbriata*, por possuir cerdas neuropodiais com artículo fendido longitudinalmente.

PROCEDÊNCIA — Estação IG 218. Um exemplar em fundo de areia grossa e conchas fragmentadas.

DISTRIBUIÇÃO — Golfo da Califórnia, México e Panamá. Brasil, costa nordeste, Ceará (Nonato & Luna, 1970) e sul, Rio de Janeiro (Nonato, 1982).

Psammolyce flava Kinberg, 1855

Psammolyce flava Kinberg, 1910: 31-32, est. 9, fig. 44; Nonato & Luna, 1970: 71, est. 9, fig. 57-65.

Corpo robusto e rígido, com o dorso inteiramente recoberto por grãos de areia. Prostômio com uma antena mediana bem desenvolvida; antenas laterais minúsculas. 2 pares de olhos pequenos, colocados dorso-lateralmente. Parapódios com ctenídias conspicuas, sobre a face superior do ramo dorsal. Escamas franjadas, porém sem papilas laterais; fortemente incrustadas de areia. A partir do 10º-12º setífero, cada segmento apresenta, na região não recoberta pelas escamas, 3 tufo de papilas digitadas, dispostos em linha transversal. Tais tufo são bem visíveis e igualmente incrustados de

areia. Cerdas notopodiais capilares, espinhosas, muito longas, formando um feixe volumoso. Cerdas neuropodiais com haste lisa e artículo profundamente fendido. As superiores, robustas e com artículos longos ou curtos, ligeiramente curvos; as inferiores, mais finas, com artículos longos. O 2º setífero se distingue dos demais pela presença de 3-5 cerdas neuropodiais superiores com haste fortemente espinhosa e artículo delgado.

DISTRIBUIÇÃO — Antilhas. No Brasil, costa nordeste, Alagoas (Nonato & Luna, 1970) e costa sul, Rio de Janeiro (Kinberg, 1910).

Gênero *Sigalion* Audoin & Milne Edwards, 1832

Com 2 antenas. Antena mediana ausente; antenas laterais minúsculas, inseridas em posição lateral no prostômio. Escamas com franjas de papilas pinadas, na margem externa. Cirro dorsal ausente. Cerdas neuropodiais simples, em espiga e compostas com apêndices de diferentes comprimentos, bidentadas.

Chave para espécies

1. Com cerdas neuropodiais articuladas extremamente longas, com 15 ou mais artículos; sem cerdas com artículo não-segmentado *Sigalion taquari*
— Cerdas neuropodiais com menos de 15 artículos; cerdas com artículo não-segmentado presentes *Sigalion arenicola*

Sigalion arenicola Verrill, 1879

Sigalion arenicola Verrill. Pettibone, 1963: 48-49, fig. 11a-b; Nonato & Luna, 1970: 72-73, est. 4, fig. 46-48; Rullier & Amoureux, 1979: 154-155.

Corpo longo e delgado. Prostômio de forma trapezoidal, com 2 pequenas antenas papiliformes, cônicas, no bordo anterior e bem afastadas da linha mediana; sem antena ímpar. Palpos subulados, medianamente longos. 2 pares de olhos pequenos. Escamas dos segmentos medianos aproximadamente retangulares, com bordo externo guarnecido por 8-10 papilas bipinadas. Parapódios com lóbulos bem separados, com 3 ctenídias longas na face dorsal. Notopódio com o lóbulo pré-setal prolongado por um pequeno cirro cilíndrico. Cerdas notopodiais capilares; as superiores mais robustas, muito longas e serrilhadas. Neuropódio com longo cirro subulado, no bordo superior. Feixe neuropodial superior com cerdas simples, em espiga e 2-3 finas cerdas compostas, com artículo longo e extremidade bidentada; feixe inferior contém unicamente

cerdas compostas, com haste lisa ou espinhosa e artícu-
lo multisegmentado.

DISTRIBUIÇÃO — Costa Atlântica dos Estados
Unidos, Argentina, Brasil, costa nordeste (Alagoas)
(Nonato & Luna, 1970).

***Sigalion taquari* sp. nov.**
(figuras 44-53)

MATERIAL EXAMINADO — Quatro exemplares.
O holótipo (ZUEC-24PB) é um exemplar completo
com cerca de 200 setígeros, mede 105mm de com-
primento, com um diâmetro na região mediana de
cerca de 4,5mm. Os 3 parátipos (ZUEC-25, 26,
27PB) são constituídos por fragmentos anteriores
com 50-60 setígeros e proporções semelhantes às
do tipo.

Prostômio em forma de trapézio, com duas
antenas clavadas, minúsculas, inseridas junto ao bor-
do anterior; 2 pares de olhos punctiformes (figura
44). Escamas retangulares ou elípticas, com 8-10
grande papilas bipinadas, no bordo externo, reco-
brindo completamente o dorso (figura 45). Parapó-
dios longos com 3 ctenídias densamente ciliadas,
disposta ao longo do espaço entre a base das esca-
mas e a margem dorsal do notopódio (figuras 46 e
47). Notopódios clavados, vesiculosos, com um
grosso estilódio distal digitado. Cerdas notopodiais,
capilares farpadas, com extremidade bífida (figura
48), reunidas em 2 feixes. Um pequeno feixe,
constituído por cerdas mais curtas e delicadas, pre-
cede o feixe principal, que é formado por cerdas
relativamente robustas, dispostas obliquamente no
bordo superior dos notopódios. Neuropódios trun-
cados, com pequeno lóbulo dorsal cônico envol-
vendo a extremidade do acículo e um lóbulo ven-
tral bilabiado, com um estilódio post-acicular lon-
go e digitado. Cirro ventral mais longo do que o
parapódio. Cerdas neuropodiais supra-aciculares
simples, em espiga (figura 49), acompanhadas por
cerca de 10 cerdas, com haste mais ou menos espi-
nhosa e artícu-
lo multisegmentado. Cerdas subaci-
culares de diferentes tipos, 3-4 cerdas com haste
muito robusta e extremidade alargada e curva, lisa;
artícu-
lo cônico, medianamente longo; 2-3 cerdas
com haste ligeiramente espinhosa e artícu-
lo curto,
com apenas 2 ou 3 segmentos largos (figuras 50 e
51); cerca de 60 cerdas delgadas, com haste distal-
mente lisa ou espinhosa, com artícu-
los delgados,
muito longos, 20 ou mais segmentos (figuras 52 e
53). Todas as cerdas compostas têm o último seg-
mento bífido e uncinado. Em nenhum dos exem-
plares examinados ocorrem cerdas compostas com
artícu-
lo inteiro. Pigídio com 2 uritos finos, me-
dianamente longos.

DISCUSSÃO — *Sigalion taquari* sp. nov. asseme-
lha-se, quanto à configuração do prostômio, das

escamas e dos parapódios a *Sigalion arenicola*
Verrill, como redescrito por Pettibone (1963:
48-49). Distingue-se dessa espécie, principalmente,
pelas peculiaridades das cerdas. A forma inusitada
de algumas das cerdas neuropodiais subaciculares já
havia sido constatada em exemplares de *Sigalion* e
de *Thalenessa*, de Alagoas (Nonato & Luna, 1970;
figuras 46-48) e, na ocasião, considerada como
possivelmente anômala. Cerdas idênticas ocorrer-
iam também em *Sigalion ovigerum* Monro, 1924.
Sigalion ovigerum seria, segundo Monro, a única
espécie do gênero desprovida de cerdas compostas
com artícu-
lo inteiro (não-segmentado). Atualmen-
te, é conhecida mais uma espécie com esta caracte-
rística: *Sigalion capense* Day (1960: 291, fig. 4a-f)
na qual todas as cerdas compostas têm artícu-
los segmentados. Os 3 caracteres: cerdas capilares com
ponta bífida, cerdas neuropodiais de forma “anô-
mala” e ausência de cerdas compostas com artícu-
los simples, aproximam singularmente os nossos
exemplares de *S. ovigerum* Monro. A forma das
cerdas pode ou não ser constante e característica.
Na descrição do tipo de *S. ovigerum*, Monro não
faz referência às cerdas que, em 1936, considera
singulares. Tão pouco as mencionou Knox (1960:
95) na descrição dos exemplares das Ilhas Chatham,
limitando-se a registrar a ausência de cerdas com-
postas com artícu-
los não-segmentados. Tendo em
conta, ainda, a diversidade das respectivas áreas de
distribuição, nos parece justificado considerar co-
mo nova essa espécie da Ilha Grande.

PROCEDÊNCIA — IG 207 (2), 208 (1) e 292 (1);
quatro exemplares, em fundo de areia grossa e
conchas quebradas.

LOCALIDADE TIPO — Brasil, costa sul (Rio de
Janeiro: Ilha Grande).

ETIMOLOGIA — A denominação específica evoca
a semelhança de cerdas multiarticuladas como um
gomo de taquara ou bambu delgado.

Gênero *Sthenelais* Kinberg, 1855

Prostômio com 3 antenas. Antena mediana
com ceratóforo e ctenídias; antenas laterais peque-
nas e parcialmente fundidas com o segmento tenta-
cular. Escamas com microtubérculos e papilas ape-
nas na margem externa. Cirros dorsais ausentes.
Cerdas neuropodiais compostas, multiarticuladas;
acompanhadas ou não por cerdas simples, em espiga.

Chave para espécies

1. Corpo muito longo e delgado;
neuropódios com uma prega su-
bapical franjadas ou papilosa *Sthenelais boa*
— Corpo medianamente longo e ro-
busto; neuropódios sem prega

- subapical 2
2. Cirro ventral ladeado por duas longas papilas subuladas, que lhe dão a aparência de ser trifurcado *Sthenelais zeylanica*
- Cirro ventral não acompanhado por papilas 3
3. Ceratóforos da antena mediana longo, cilíndrico. Escamas com a superfície lisa; as da região mediana e posterior, sem papilas, mas com uma indentação profunda no bordo externo *Sthenelais limicola*
- Ceratóforo da antena mediana volumoso e pregueado. Escamas com a superfície parcial ou totalmente coberta por microtubérculos 4
4. Cerdas neuropodiais compostas bidentadas, em sua maioria com artícuo falciforme único, robusto *Sthenelais articulata*
- Cerdas neuropodiais compostas unidentadas, em sua maioria com artícuo longo multissegmentado *Sthenelais mülleri*

Sthenelais articulata Kinberg, 1855

Sthenelais articulata Kinberg, 1910: 28, est. 8, fig. 38, est. 10; fig. 62; Hartman, 1948: 36, est. 6, fig. 6-9; Pettibone, 1971: 7, fig. 4-5; Lana, 1981: 31.

Corpo longo, com mais de 120mm de comprimento e 10mm de diâmetro incluindo as cerdas. Região dorsal dos segmentos 2-5 com ctenídias. Antena mediana inserida sobre ceratóforo com ctenídias e um par de estilódios na base; antenas laterais curtas e subuladas. Palpos longos, articulados; 2 pares de olhos. Escamas reniformes, com exceção do primeiro par; superfície dorsal densamente coberta com minúsculos tubérculos triangulares e subcônicos, margem externa com papilas. Parapódio com ctenídias dispostas sobre a margem dorsal do notopódio; estilódios limitados ao lobo notopodial e à margem superior do neuropódio. Cerdas notopodiais capilares, espinhosas, longas e numerosas. O 2º setífero contém cerdas neuropodiais compostas espiníferas com haste espinhosa; a partir do 3º setífero estas são gradualmente substituídas por cerdas curtas, simples, em espiga; as demais são cerdas com haste longa, 3 a 7 artícuos e extremidade bidentada.

DISTRIBUIÇÃO – Brasil, costa sul (Rio de Janeiro, Espírito Santo) (Kinberg, 1910) e Ubatuba (Lana, 1981).

Sthenelais boa (Johnston, 1839)

Sthenelais boa (Johnston). Fauvel, 1927: 50-51, fig. 41a-e; Pettibone, 1963: 50-51, fig. 10a-d; Hartmann-Schroeder, 1971: 84-86, fig. 26-27; Lana, 1981: 31.

Corpo convexo na face dorsal; com até 200mm de comprimento. Prostômio subglobular com uma antena mediana longa e duas pequenas antenas laterais. 2 pares de olhos. Escamas reniformes com a superfície coberta por microtubérculos arredondados ou cônicos, a margem externa com uma franja de longas papilas simples e algumas papilas de menor tamanho. Parapódios com ctenídias dorsais. Notopódio com estilódios cirriformes. Cerdas notopodiais simples, capilares e espinhosas. Cerdas neuropodiais superiores em espiga; medianas compostas, curtas com extremidade bidentada, e inferiores compostas com haste longa e artícuo com 2-3 segmentos.

DISTRIBUIÇÃO – Cosmopolita em águas quentes e temperadas.

Sthenelais limicola (Ehlers, 1864)

Sthenelais limicola (Ehlers). Fauvel, 1923: 113, fig. 42a-f; Pettibone, 1963: 51, fig. 11c-e.

MATERIAL EXAMINADO – Um exemplar completo (ZUEC-28PB), com 160 setíferos com 70mm de comprimento e cerca de 5mm de diâmetro.

Corpo robusto, com segmentos bem destacados. Prostômio subglobular com antena mediana longa e lisa; duas pequenas antenas laterais. 2 pares de olhos. Primeiro par de escamas retangular e os seguintes triangulares, com a superfície lisa, papilas ausentes, com apenas uma fenda em um dos lados da margem externa. Parapódios com ctenídias dorsais a partir do 4º setífero. Notopódio com estilódios cirriformes numerosos nos primeiros parapódios, diminuindo de tamanho e número nos segmentos posteriores. Cerdas notopodiais simples, longas e espinhosas. Cerdas neuropodiais superiores simples, em espiga; medianas e inferiores compostas, com haste lisa, artícuos curtos fortemente bidentados e longos multissegmentados, bidentados.

PROCEDÊNCIA – Ubatuba (Estado de São Paulo), em fundo de areia.

DISTRIBUIÇÃO – Carolina do Norte; Mediterrâneo, Adriático, África.

Sthenelais mülleri Grube, 1875

Sthenelais mülleri Grube, 1875: 75 e 77.

Espécie conhecida apenas pela descrição original. Difere de *Sthenelais articulata* Kinberg, pelas cerdas neuropodiais com a extremidade inteira (unidentadas) e, em sua maioria, multiarticuladas.

DISTRIBUIÇÃO — Brasil, Florianópolis (Desterro), SC.

Sthenelais zeylanica Willey, 1905

Sthenelais zeylanica Willey. Fauvel, 1927: 416, 1953: 62, fig. 29a.; Thomassin, 1970: 62; Rullier & Amoureux, 1979: 155.

Espécie relativamente pequena, alcançando 65mm de comprimento. Antena mediana com duas longas ctenídias basais. Cirro ventral do 2º setífero muito longo, dirigido para frente. Brânquias a partir do 4º setífero, franjadas de papilas curtas e pouco numerosas, com a superfície coberta por microtubérculos. Cirro ventral acompanhado por 2 longos estilódios, dando a aparência de um cirro trifurcado. Cerdas neuropodiais superiores todas compostas; sendo excepcional a ocorrência de cerdas simples, em espiga.

Pettibone (1971, p. 9-24), baseado na presença de papilas longas ao lado do cirro ventral, criou um novo gênero *Willeysthenelais*, nele incluindo *Sthenelais zeylanica*, como sinônimo de *Sthenelais diplocirrus* Grube, 1875. Rullier & Amoureux não mencionaram o trabalho de Pettibone e, tão pouco, se referem à presença das papilas características.

A espécie é aqui incluída, com reservas.

DISTRIBUIÇÃO — Ceilão, Canal de Suez, I. Salomon, Indochina. No Brasil: Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro (Fide Rullier & Amoureux, 1979).

Gênero *Sthenelanella* Moore, 1910

Prostômio com 3 antenas. Antena mediana com ceratóforo e ctenídias; antenas laterais muito curtas, fundidas ao segmento tentacular. Escamas com papilas apenas na margem externa. Cirro dorsal ausente. Cerdas neuropodiais compostas falcíferas, unidentadas.

Sthenelanella atypica Berkeley & Berkeley, 1941
(figuras 54-66)

Sthenelanella atypica Berkeley & Berkeley, 1941: 26-27, fig. 1-3.

MATERIAL EXAMINADO — Dois exemplares incompletos (ZUEC 29-30PB), com 23 e 18 setíferos anteriores, medindo cerca de 4mm de comprimento. Material estudado por Amaral & Braga

(ainda não publicado).

Prostômio subglobular com antena mediana longa, inserida sobre um ceratóforo bem desenvolvido, um par de pequenas ctenídias na base; duas pequenas antenas laterais. 2 pares de olhos (figura 54). Primeiro par de escamas tem forma circular, com uma franja de papilas em sua margem externa e uma mancha de pigmentação laranja (figuras 55 e 56); as demais escamas possuem forma sub-retangular e suborbicular, com uma franja transversal de pigmento laranja na sua metade externa. Os 4 primeiros parapódios acentuadamente voltados para frente; extremidade dos lobos parapodiais com papilas, estilódios, maiores e mais numerosos nos parapódios anteriores (figura 57). Cerdas notopodiais simples, serrilhadas, longas e curtas. Cerdas neuropodiais compostas, longas com fileiras de espinhos, unidentadas ou bidentadas, as últimas presentes apenas nos parapódios anteriores (figuras 59-62); o número de artículos é maior nas cerdas do 2º parapódio, diminuindo até desaparecerem à altura do 7º setífero; cerdas de haste lisa, curta e ligeiramente curva ocorrem nos segmentos medianos e posteriores (figuras 58, 63-66).

PROCEDÊNCIA — RD 13. 2 exemplares; 65mm profundidade, em fundo de areia.

DISTRIBUIÇÃO — Sul da Califórnia. Brasil, costa sul (Espírito Santo).

Gênero *Sthenolepis* Willey, 1905

Prostômio com 3 antenas; a mediana com ceratóforo e ctenídias; antenas laterais fundidas ao segmento tentacular. Escamas com papilas presentes ou ausentes, na margem externa. Cirro dorsal presente somente no 3º setífero. Cerdas neuropodiais compostas espiníferas com apêndice canaliculado.

Chave para espécies

1. Com 2 pares de olhos minúsculos, subiguais; artículo das cerdas compostas não-canaliculado

Sthenolepis grubei

- Olhos do par posterior grandes e conspícuos; artículos das cerdas compostas canaliculadas

Sthenolepis oculata

Sthenolepis grubei (Treadwell, 1901)

Sthenelais grubei Treadwell, 1901: 187-188; fig. 10-13.

Sthenolepis grubei (Treadwell). Hartman, 1965: 54; Nonato & Luna, 1970: 73, est. 4, fig. 37-45.

MATERIAL EXAMINADO – Quatro exemplares (ZUEC 31-32-33-34); um exemplar completo, com cerca de 180 setígeros e 95mm de comprimento; e cerca de 4mm de diâmetro, na região anterior.

Espécie relativamente pequena e delicada. Prostômio globuloso, bem desenvolvido. Ctenídias da antena mediana largas, pregueadas. 2 pares de olhos pequenos subiguais. Escamas pequenas, com margem franjada, não cobrindo completamente o dorso. Cerdas notopodiais capilares farpadas, muito numerosas. Cerdas neuropodiais de 3 tipos: na parte superior do feixe, 4-5 cerdas simples, em espiga; ao redor do acículo, cerdas compostas robustas, com articulo triangular e relativamente curto; cerdas compostas delgadas, com articulo inteiro, não-canalículado, longo e agudo.

PROCEDÊNCIA – Estações IG 78 (1) e 79 (3), em fundos de lodo.

DISTRIBUIÇÃO – Califórnia, Panamá, Equador e Porto Rico. Brasil, costa nordeste (Alagoas).

Sthenolepis oculata (Hartman, 1942)

Leanira oculata Hartman, 1942: 93-95; est. 8, fig. 1-5.

Sthenolepis oculata (Hartman). Nonato & Luna, 1970: 73-74; est. 3, fig. 29-36; Rullier & Amoureux, 1979: 144.

MATERIAL EXAMINADO – Dois exemplares. Um completo (ZUEC 35PB), com 160 setígeros, 75mm de comprimento e cerca de 6mm de diâmetro.

Corpo robusto, com segmentos relativamente longos, bem destacados. Prostômio globuloso, de contorno subcircular. Antena mediana mais longa que o prostômio, com ctenídias basais auriculares, estreitas, mas bem desenvolvidas. 2 pares de olhos: o primeiro, punctiforme, oculto sob as ctenídias antenais; o segundo, posterior, muito maior e conspicuo. Escamas largas e fortemente imbricadas; as primeiras reniformes e as subseqüentes oblongas ou ovaladas; nuas e com margem inteira. Brânquias a partir do 4º setígero. Parapódios com 3 ctenídias longas, dispostas entre a base das escamas e a face dorsal dos notopódios; bordo apical dos 2 ramos setígeros providos de estilódios. Cerdas notopodiais todas capilares, sedosas, extremamente longas e recurvadas para a face dorsal. Cerdas neuropodiais simples, em espiga e compostas, com articulo acicular canalículado e haste com extremidade lisa ou espinhosa; as primeiras, em número de 4-5, agrupadas na parte superior do feixe, as demais, dispostas em fileiras verticais interpenetradas.

PROCEDÊNCIA – Estações IG 134 (1) e 182 (1), em fundos de lodo.

DISTRIBUIÇÃO – Mar das Antilhas (Cuba). Brasil, costa nordeste (Alagoas) e sul (Rio de Janeiro – Ilha Grande).

Gênero *Thalenessa* Baird, 1868

Com 3 antenas pequenas, todas sobre o prostômio. Antena mediana sem ceratóforo ou ctenídias; antenas laterais minúsculas, inseridas no bordo frontal do prostômio. Escamas com papilas folhosas, pinadas. Cirro dorsal apenas no 3º setígero. Cerdas neuropodiais simples, em espiga e compostas falcíferas.

Chave para espécies

1. Antenas maiores e mais conspicuas; cerdas neuropodiais com a parte distal da haste ornada por estrias escalariformes *Thalenessa edwardsi*
– Antenas menores e inconspicuas; cerdas sem estrias escalariformes *Thalenessa lewisii*

Thalenessa edwardsi (Kinberg, 1855) (figuras 71 e 72)

Sigalion edwardsi Kinberg, 1855: 387; 1910: 30, est. 9, fig. 41.

Thalenessa edwardsi (Kinberg). Hartman, 1948: 32-33; est. 5, fig. 2-6.

MATERIAL EXAMINADO – Quatro exemplares (ZUEC 36-37-38PB), sendo um completo e perfeito, com 200 setígeros e 140mm de comprimento; diâmetro, na região anterior, cerca de 6mm.

Corpo longo robusto. Prostômio largo, em forma de trapézio, com 4 olhos conspicuos e 3 antenas cilíndricas ou piriformes, curtas; as duas antenas laterais inseridas no bordo anterior e a mediana atrás do segundo par de olhos. Parapódios no 1º setígero providos de cerdas capilares, longas e sedosas. Escamas largas retangulares, com margem externa dotada de grande papilas bipinasas (figura 71). Brânquias cirriformes, longas e densamente ciliadas a partir do 5º setígero; uma segunda brânquia, muito menor e dirigida para a linha mediana, presente em todos os segmentos da região anterior e mediana. Notopódio clavado vesiculoso, com apêndice (estilódio) digitado no bordo anterior; providos de cerdas capilares serrilhadas e com extremidade bidentada. As cerdas da parte superior do feixe, mais numerosas, são muito longas e delgadas, com aspecto sedoso; as da parte inferior são muito mais curtas e mais largas, conspicuamente bifidas e com bordos farpados. Neuropódio largo e

truncado, com lóbulo superior cônico (lobo acicular), dotado de cerdas simples e de cerdas compostas de vários tipos. O feixe neuropodial inferior é formado por 4-5 cerdas simples em espiga; 3-4 cerdas compostas, delgadas, com haste espinhosa e artículo multisegmentado; 3-4 cerdas compostas, robustas com a extremidade da haste ornada por estrias escalariformes e artículo também robusto, multisegmentado. O feixe subacicular contém, junto ao acículo, algumas cerdas compostas muito robustas, com artículo não-segmentado; cerdas compostas com a extremidade da haste discretamente espinhosa e artículo muito longo, com 12-15 segmentos e cerdas compostas delgadas, com a extremidade da haste espinhosa ou lisa e artículo multisegmentado (figura 72). Todas as cerdas compostas têm a extremidade uncinada e bífida. Pigídio com 2 uritos filiformes e de tamanho desigual; o maior extremamente longo.

PROCEDÊNCIA — Estações IG 177 (2), 290 (1) e 291 (1) em fundos de areia lódica com fragmentos de concha.

DISTRIBUIÇÃO — Argentina (La Plata). Brasil, costa sul (Rio de Janeiro).

***Thalenessa lewisii* (Berkeley & Berkeley, 1939)**

Thalenessa lewisii Berkeley & Berkeley, 1939: 326-328, fig. 2-3; Nonato & Luna, 1970: 74-75,

est. 5, fig. 49-59.

Corpo longo e estreito. Prostômio pequeno, de forma trapezoidal. Antenas minúsculas em forma de papilas lanceoladas; as laterais inseridas no bordo anterior do prostômio e a mediana ligeiramente à frente do primeiro par de olhos. Escamas translúcidas, de forma aproximadamente retangular e com o bordo externo guarnecido de papilas bipinadas. Parapódios claviformes terminando por um cirro dorsal longo, subulado. Cerdas notopodiais capilares, finamente farpadas, formando 2 feixes; um lateral, com cerdas relativamente curtas e muito finas e o segundo, distal, com cerdas robustas e muito longas. Cerdas neuropodiais de 4 tipos: simples, em espiga em número de 3-5, na parte superior do feixe; compostas, com haste fortemente farpada, com a parte distal multiarticulada e extremidade bidentada situadas abaixo das cerdas simples; compostas, com artículo inteiro e bidentado em pequeno número, no feixe periacicular; composta com haste lisa ou apenas ligeiramente espinhosa e artículo muito longo, também bidentada. Entre as cerdas compostas supra-aciculares ocorrem, com raras exceções, uma ou duas cerdas com estrutura semelhante à das inferiores, porém, mais robustas e com a parte distal da haste deformada.

DISTRIBUIÇÃO — Golfo da Califórnia, México, Guatemala, Venezuela e Equador. Brasil, costa nordeste, Alagoas (Nonato & Luna, 1970).

Família *EULEPETHIDAE* Chamberlin, 1919

Corpo achatado, sub-retangular, curto ou medianamente longo, com 32-70 setígeros. Prostômio globular, minúsculo, com ou sem olhos; 3 antenas desprovidas de ceratóforo; distinto do segmento tentacular, mas com este profundamente retraído entre os primeiros setígeros. Faringe musculosa, armada de 2 pares de peças quitinosas e a extremidade orlada de papilas. Escamas em número de 12-13 pares de tamanho crescente, com borda contínua, incisada ou dotada de papilas largas, cobrindo completamente o dorso na região anterior substituídas por lamelas cordiformes nos segmentos posteriores. Brânquias lamelares, ocultas sob as escamas. Parapódios birremes, providos unicamente de cerdas simples, de diferentes tipos, sendo características as cerdas notopodiais aciculares geniculadas, robustas e de brilho metálico e o acículo dos neuropódios, provido de uma larga expansão distal lamelar. Cerdas neuropodiais pectinadas em número de uma ou duas na parte superior do feixe; capilares simples ou limbadas, na parte mediana e aciculares na inferior. Cirros ventrais cônicos e curtos nos segmentos anteriores e globulares com apêndice afilado nos posteriores. Um único urito, assimétrico e muito longo.

Chave para gêneros

1. Com 12 pares de escamas de tamanho crescente e pequenas lamelas foliáceas nos segmentos posteriores
- Com 13 ou mais pares de escamas
2. Escamas dos segmentos media-

- nos apenas incisadas na borda *Pareulepis*
– Escamas dos segmentos medianos com papilas foliáceas *Grubeulepis*
3. Escamas com a borda apenas incisada *Eulepethus* (*)
– Escamas com a borda guarnecida de papilas *Mexieulepis* (*)

Gênero *Grubeulepis* Pettibone, 1969

Corpo curto e largo, com cerca de 38 setígeros. Escamas em número de 12 pares, com a borda externa provida de papilas folhosas, simples ou articuladas; as do 12º par cerca de duas vezes mais longas que as dos anteriores e com papilas marginais geralmente numerosas. Segmentos 3º e 6º com cirros dorsais. Brânquias em número de 10-13 pares. Lamelas posteriores a partir dos setígeros 25-29.

Chave para espécies

1. Escamas com papilas marginais numerosas e em sua maioria simples *Grubeulepis fimbriata*
- Escamas com papilas marginais em pequeno número e muitas delas articuladas *Grubeulepis tebblei*

***Grubeulepis fimbriata* (Treadwell, 1901)**
(figuras 73-80)

* Ainda não referidos para o Brasil.

Eulepis fimbriata Treadwell, 1901: 190-191, fig. 23-24.

Pareulepis fimbriata (Treadwell). Nonato & Luna, 1970: 75, est. 2, fig. 15-25.

Grubeulepis fimbriata (Treadwell). Pettibone, 1969: 23-26, fig. 15-17; Rullier & Amoureux, 1979: 155-156.

MATERIAL EXAMINADO – Um exemplar completo (ZUEC 40 PB) com 37 setígeros medindo 25mm de comprimento.

Prostômio com 3 antenas curtas, piriformes e um par de pequenos olhos na margem posterior (figura 73). Escamas fortemente imbricadas com a superfície glabra e a borda externa dotada de largas papilas digitadas, recobrando completamente o dorso, exceto os últimos segmentos (figuras 75-78). Notopódios (figura 74) com algumas grossas cerdas geniculadas (figura 79), de brilho metálico e um feixe de cerdas capilares longas. Neuropódios com 1-3 cerdas pectinadas (figura 80) e um feixe de cerdas aciculares retas, delgadas. Cirros dorsais pedunculados; os dos segmentos posteriores substituídos por lâminas acuminadas. Cirros ventrais piriformes, com pequeno artículo subulado ou cilíndrico. Nos exemplares examinados por nós, o urito esquerdo é reduzido a uma simples papila e o urito é extremamente longo, igualando o comprimento do corpo.

PROCEDÊNCIA – RD-80, em fundo de lama e 25m de profundidade.

DISTRIBUIÇÃO – Atlântico americano, das Antilhas até o sul do Brasil; em profundidades moderadas, até 50m, em fundo de lodo ou areia lodosa.

***Grubeulepis tebblei* Pettibone, 1960**
(figuras 81-84)

Grubeulepis tebblei Pettibone, 1969: 38, fig. 28-29.
Pareulepis geay Tebble, 1955: 79, fig. 2.

MATERIAL EXAMINADO – Um exemplar completo (ZUEC 41PB) com 41 setígeros, medindo 27mm de comprimento.

Prostômio com 3 antenas curtas; antena mediana cônica, inserida em posição anterodorsal; antenas laterais cônicas, inseridas mais ventralmente; 2 pares de olhos. Primeiro par de escamas com cerca de 8 papilas curtas (figura 81), as demais com um número variável (figuras 82-83); o 12º par possui de 9-12 papilas sendo algumas biarticuladas (figura 84). Brânquias com um cirro distal. Cirro dorsal dos setígeros 3 e 6 subulado e nos posteriores, lamelar. Notopódio com grossas cerdas geniculadas e um feixe de longas cerdas capilares. Cerdas neuropodiais aciculares delgadas e uma ou duas

pectinadas; em alguns casos podem ocorrer cerdas limbadadas, espatuladas, nos setígeros posteriores. Pigídio com um longo cirro anal do lado direito e um curto rudimentar do lado esquerdo.

PROCEDÊNCIA – RD-80, em fundo de lama, 25m de profundidade.

DISTRIBUIÇÃO – Oeste da África (Costa do Ouro), em profundidades iguais a 11-13m.

Gênero *Pareulepis* Darboux, 1900

Corpo curto e largo, com cerca de 37 setígeros. Escamas com apenas incisões ou identações raras e pouco profundas. Brânquias em número de 12 pares. Lamelas posteriores a partir do 28º segmento.

***Pareulepis multibranchiata* sp. nov.**
(figuras 85-102)

MATERIAL EXAMINADO – Três exemplares completos. O holótipo (ZUEC 42PB) é um exemplar perfeito, com todas as escamas, medindo cerca de 30mm de comprimento. Os parátipos (ZUEC 43-44PB), igualmente bem conservados, medem 22 e 26mm.

Corpo alongado e achatado, com 36 setígeros. Prostômio não oculto pelos primeiros segmentos; com antenas piriformes alongadas, sendo as laterais cerca de duas vezes mais longas que a mediana; sem olhos aparentes. Palpos longos, subulados (figura 85). Primeiro setígero com cirro dorsal e ventral longo. Elitróforos das escamas do primeiro par singularmente robustos, eventualmente ocultando a parte basal do prostômio. Escamas lácteas, planas e delgadas. Apenas as dos 2 primeiros pares com a borda externa ornamentada por papilas digitadas ou claviformes (figuras 87 e 88), os 10 pares seguintes de tamanho gradualmente maior e com a borda externa apenas incisada ou identada (figura 89); o 12º par, como característico para a família, é cerca de duas vezes mais longo que o anterior e com 3-4 ligeiras incisões na parte anterior da borda externa (figura 90). Parapódios birremes, com acúlos proeminentes; placa distal do acúlo neuropodial de pequenas proporções (figuras 86 e 94-96). Cerdas aciculares dos neuropódios anteriores longas e aguçadas, ligeiramente curvas (figura 99-101); cerdas aciculares notopodiais curtas (figura 97), geniculadas ou recurvadas para cima, com a parte convexa sulcada transversalmente e a extremidade alargada e côncava (figuras 91 e 92). Cerdas pectinadas com dentes basais longos, em número de 1-2 na parte superior do feixe neuropodial (figuras 93-98). Urito único, flageliforme, com numerosas papilas minúsculas em toda a extensão e aproximadamente tão longo quanto a última esca-

ma (figura 90). Lamelas posteriores cordiformes, arredondadas nos últimos 8 setígeros (figura 102). Brânquias, em número de 4 pares, fundidas na linha mediana.

DISCUSSÃO – *Pareulepis multibranchiata* sp. nov. assemelha-se superficialmente a *P. malayana* (Horst) e a *P. wyvilley* (McIntosh), diferindo destas, entretanto, pelo número de papilas das primeiras escamas e menor número de incisões das escamas posteriores. O principal caráter diferencial é a presença de 4 pares de brânquias, em lugar dos 3 pares descritos para as demais espécies. Também as neu-

rocerdas superiores dos segmentos da região mediana e posterior, muito mais robustas que as inferiores são, igualmente, características.

PROCEDÊNCIA – costa do Rio de Janeiro (2) e do Rio Grande do Sul (1), em fundos de areia e lodo, 80m de profundidade.

LOCALIDADE TIPO – Brasil, costa sul (Rio de Janeiro).

ETIMOLOGIA – O nome específico lembra a existência de um maior número de brânquias.

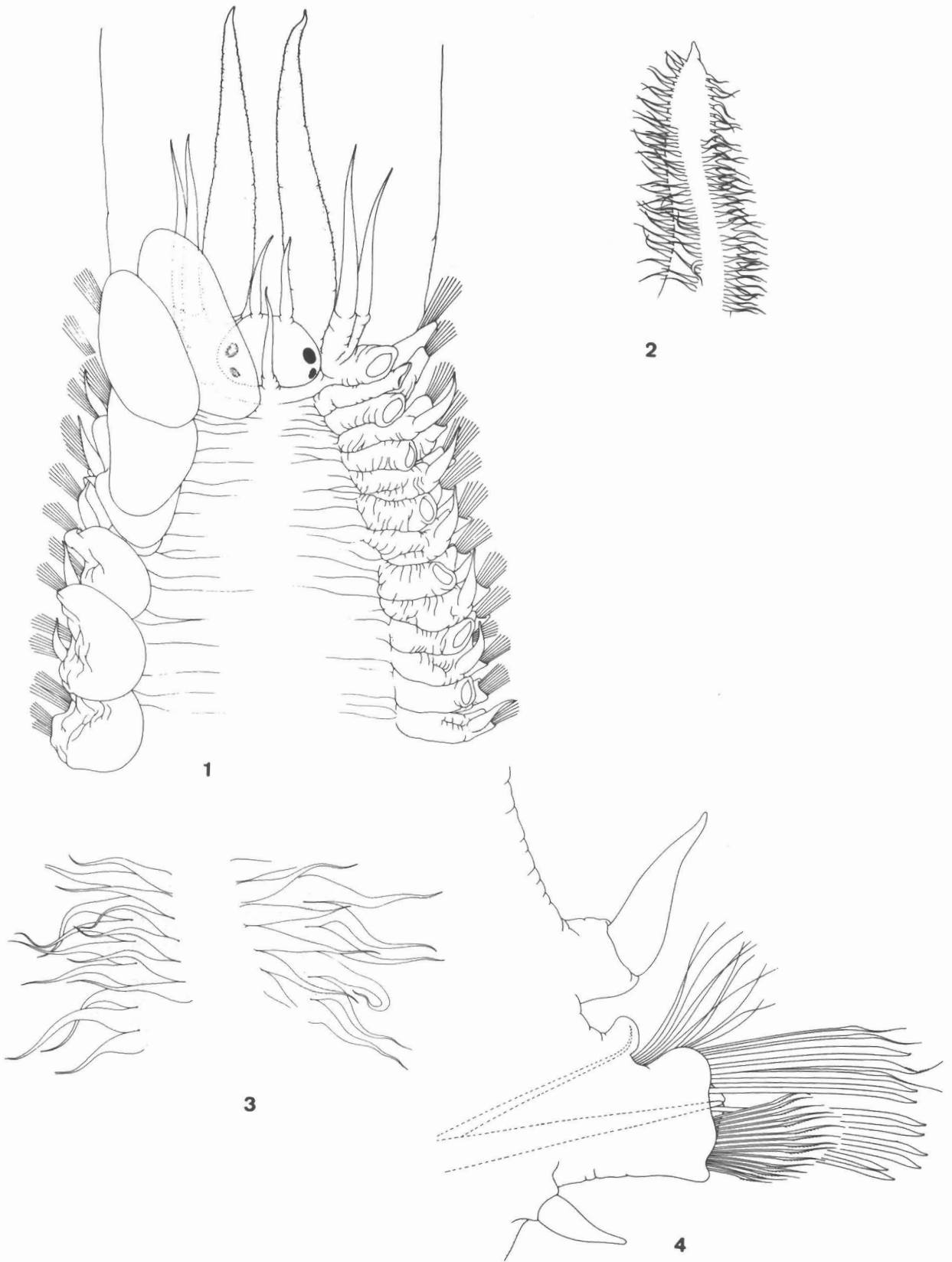
Bibliografia

1. AMARAL, A.C.Z. & NONATO, E.F. 1982. Anelídeos poliquetos da costa brasileira: Aphroditidae e Polynoidea. Brasília, CNPq – Coordenação Editorial, 46p.
2. AMARAL, A.C.Z. & BRAGA, M.I.J. Anelídeos poliquetos da plataforma continental do Estado do Espírito Santo, (não publicado).
3. BERKELEY, E. & BERKELEY, C. 1939. On a collection of Polychaeta, chiefly from the west coast of Mexico. *Ann. Mag. Nat. Hist. London*, sr. 11,3: 321-346.
4. ———. 1941. On a collection of Polychaeta from Southern California. *S. Calif. Acad. Sci. Bull.* 40(1): 16-60.
5. DAY, J.H. 1960. The Polychaeta fauna of South Africa. Part. 5: Errant species dredged off Cape coasts. *Ann. S. Afr. Mus.* 45: 261-373.
6. ———. 1967. A monograph on the Polychaeta of Southern Africa. Part 1 Errantia. London, British Museum (Nat. Hist.), Publ. 656 p.
7. FAUCHALD, K. 1977. The Polychaeta worms. Definitions and keys to the Orders, Families and Genera. *Nat. Hist. Mus. Los Angeles County Science Series.* 28: 188p.
8. FAUVEL, P. 1923. Polychètes errantes. *Faune Fr.*, 5: 488p.
9. ———. 1927. Rapport sur les Annélides Polychètes Errantes. Zoological results of the Cambridge Expedition to the Suez Canal 1924. *Trans. Zool. Soc. London*, 22: 411-439.
10. ———. 1932. Annelida Polychaeta of the Indian Museum, Calcutta. *Mem. Indian Mus.*, 12: 626p.
11. FAUVEL, P. & RULLIER, F. 1957. Nouvelle contribution à la faune des annélides Polychètes. *I.F.A.N., Bull.* 19 (ser. A) n° 1: 24-96.
12. GRUBE, A.E. 1875. Bemerkungen über die Familie der Aphroditen. Gruppe Hermionea und Sigalionina. *Schles. Gesells. Vaterl. Kultur, Breslau, Jahresber.* 52: 57-79.
13. ———. 1877. Annelides – Ausbeute S.M.S. Gazelle. *Mber. Akad. Wiss., Berlim.* p. 509-554.
14. HANSEN, G.A. 1882. Recherches sur les annélides recueillies par M. le professeur Eduard van Beneden pendant son voyage au Brésil et à la Plata. *Mém. Acad. r. Sci. Bruxelles*, vol. 44: 1-29.
15. HARTMAN, O. 1939. Polychaetous Annelids. Part 1. Aphroditidae to Pisionidae. *Allan Hancock Pac. Exped.* 7 (1): 156p.

16. ——— . 1942. A review of the types of Polychaetous annelids at the Peabody Museum of Natural History, Yale University. *Bull. Bingham oceanogr. Coll.*, vol. 8: 1-98.
17. ——— . 1948. The marine annelids erected by Kinberg with notes on some other types in the Swedish State Museum. *Ark. Zool. Stockholm*, 42A (1): 137p.
18. ——— . 1965. Deep water benthic Polychaetous annelids off New England to Bermuda and other North Atlantic areas. *Occ. Pap. Allan Hancock Fdn.* 28: 1-378.
19. IZUKA, A. 1912. The errantiate Polychaeta of Japan. *J. Coll. Sci. imp. Univ. Tokyo*, 30(2): 1-262.
20. KINBERG, J.G.H. 1855. Nya sl gten och arter af Annelider. *Ofvers. K. Vetensk Akad. F rh.* 12: 381-388.
21. ——— . 1910. Konglia Svenska Fregatten Resa omkring jorden under befal af C.A. Virgin  ren 1851-1853. 3. Annulater. Uppsala & Stockholm, Almqvist & Wicksells. 78p.
22. KNOX, G.A. 1960. Polychaeta Errantia, *in*: Biological results of the Chatham Islands Expedition. 1954. New Zealand Dep. sci. industr. Res., *Bull* 139(3): 77-140.
23. LANA, C.L. da 1981. Padrões de distribui o e diversidade específica de anelídeos poliuetos na região de Ubatuba, Estado de São Paulo. Disserta o de Mestrado, Universidade de São Paulo, Instituto Oceanográfico, 111p.
24. McINTOSH, W.C. 1876. On the Annelida of the *Porcupine* Expeditions of 1869-1870. *Zool. Soc. London, Trans.*, vol. 9: 395-416.
25. MONRO, C.C.A. 1936. Polychaeta Worms. *Discovery Reports*, 12: 59-198.
25. NONATO, E.F. & Luna, J.A.C. 1970. Sobre alguns poliuetas de escamas do nordeste do Brasil. *Boim Inst. oceanogr.*, S. Paulo, 18(1): 63-91.
27. NONATO, E.F. 1982. Contribui o ao conhecimento dos anelídeos poliuetos bent nicos da plataforma continental brasileira, entre Cabo Frio e o Arroio Chuí. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo, Instituto Oceanográfico, 246p.
28. PETTIBONE, M.H. 1963. Marine Polychaete worms of the New England region. I. Aphroditidae through Trochochaetidae. *Bull. U.S. natn. Mus* 227(1): 1-346.
29. ——— . 1969. Revision of the Aphroditaid Polychaetes of the Family Eulepethidae Chamberlin (= Eulepethinae Darboux; = Pareulepidae Hartman). *Smithson. Contr. Zool.* (41): 1-44.
30. ——— . 1970. Revision of some species refered to *Leanira* Kinberg (Polychaeta – Sigalionidae) with diagnoses of two new genera. *Smithson. Contr. Zoo.*, (53): 1-25.
31. ——— . 1971. Partial revision of the genus *Sthenelais* Kinberg (Polychaeta – Sigalionidae) with diagnoses of two new genera. *Smithson. Contr. Zool.*, (109): 1-39.
32. RULLIER, F. & AMOUREUX, L. 1979. Ann lides Polychètes. Campagne de la "Calypso" au large des c tes atlantiques de l'Amérique du Sud. (33): *Ann. Inst. océanogr.* 55 (supl.): 145-206.
33. TEBBLE, N. 1955. The Polychaete fauna of Gold Coast. *Bull. Britsh. Mus. (Nat. Hist.)*, Zool. 3: 59-148.
34. TEMPERINI, M.T. 1981. Sistemática e distribui o dos poliuetos errantes da plataforma continental brasileira entre as latitudes de 23 05'S e 30 00'S. Disserta o de Mestrado, Universidade de S o Paulo, Instituto Oceanográfico, 89p.
35. THOMASSIN, B. 1970. Contribution a l'étude de Polych tes de la région de Tulear (S.W. de Madagascar) II. Quelques APHRODITIDAE des sables Coralliens. *Rec. Trav. Sta. mar. Endoume Fasc. hors. ser. suppl. n  10*: 47-69.
36. TREADWELL, A.L. 1901. The Polychaetous annelids of Porto Rico. *Bull. U.S. Fish Comunn.* vol. 20: 181-210.
37. ——— . 1914. Polychaetous annelids from the Dry Tortugas, Florida. *Am. Mus. Nat. Hist. N.Y.*, *Bull*, 30: 1-12.
38. ——— . 1924. Polychaetous annelids collected by the Barbados Antigua Expedition from the University of Iowa in 1918. *Univ. Iowa Stud.*, 10(4): 1-23.

Ilustrações

Desenhos: Toyomi Naruto



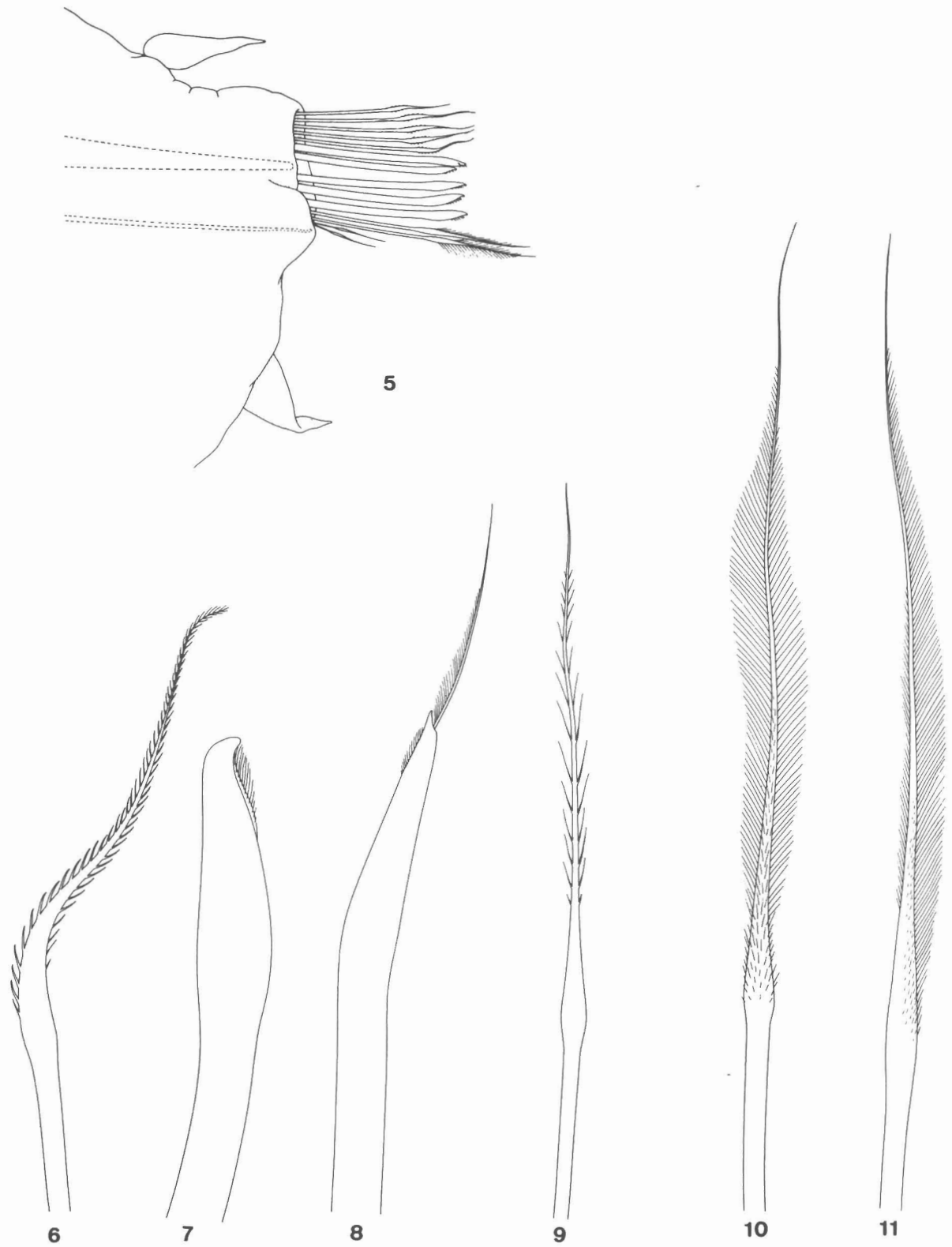
***Eupanthalis rudipalpa* sp. nov.**

Figura 1 - Região anterior, vista dorsal, tromba evaginada; escamas parcialmente removidas.

Figura 2 - Extremidade de um palpo.

Figura 3 - Detalhe das vilosidades da superfície dos palpos.

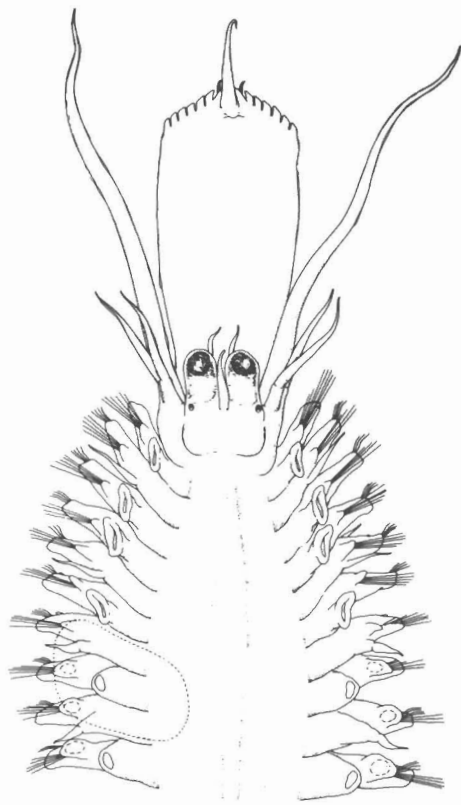
Figura 4 - Parapódio de um setífero anterior.



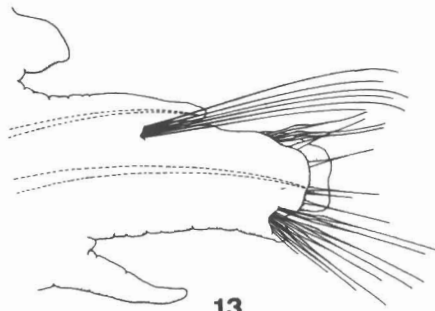
***Eupanthalis rudipalpa* sp. nov.**

Figura 5 - Parapódio de um setífero mediano.

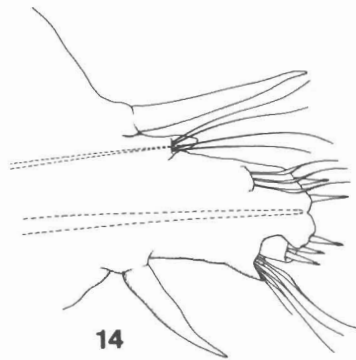
Figura 6 - Cerda neuropodial, falciforme.
 Figuras 7 e 8 - Cerdas neuropodiais, aristadas.
 Figura 9 - Cerda neuropodial, em espiga.
 Figuras 10 e 11 - Cerdas neuropodiais, peniculadas.



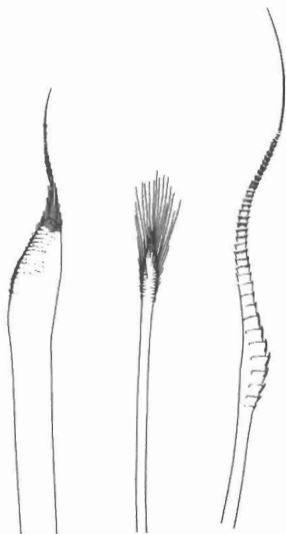
12



13



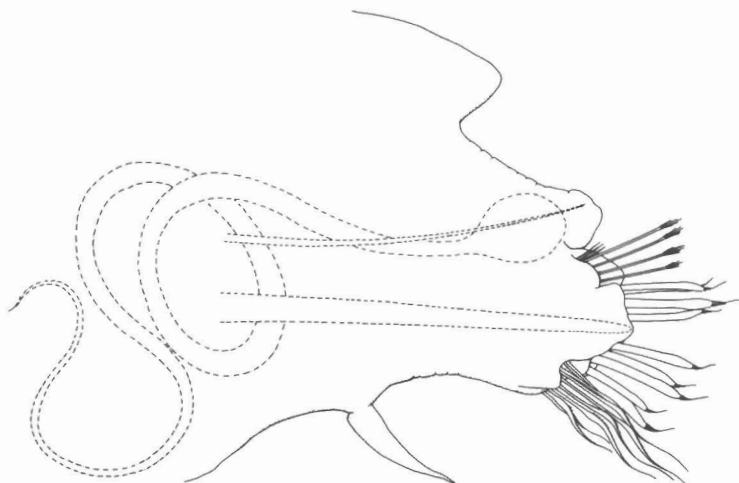
14



16

17

18



15

Panthalis oerstedii KINBERG

Figura 12 – Região anterior, vista dorsal, tromba evaginada; escamas removidas.

Figura 13 – Parapódio do 1º setífero.

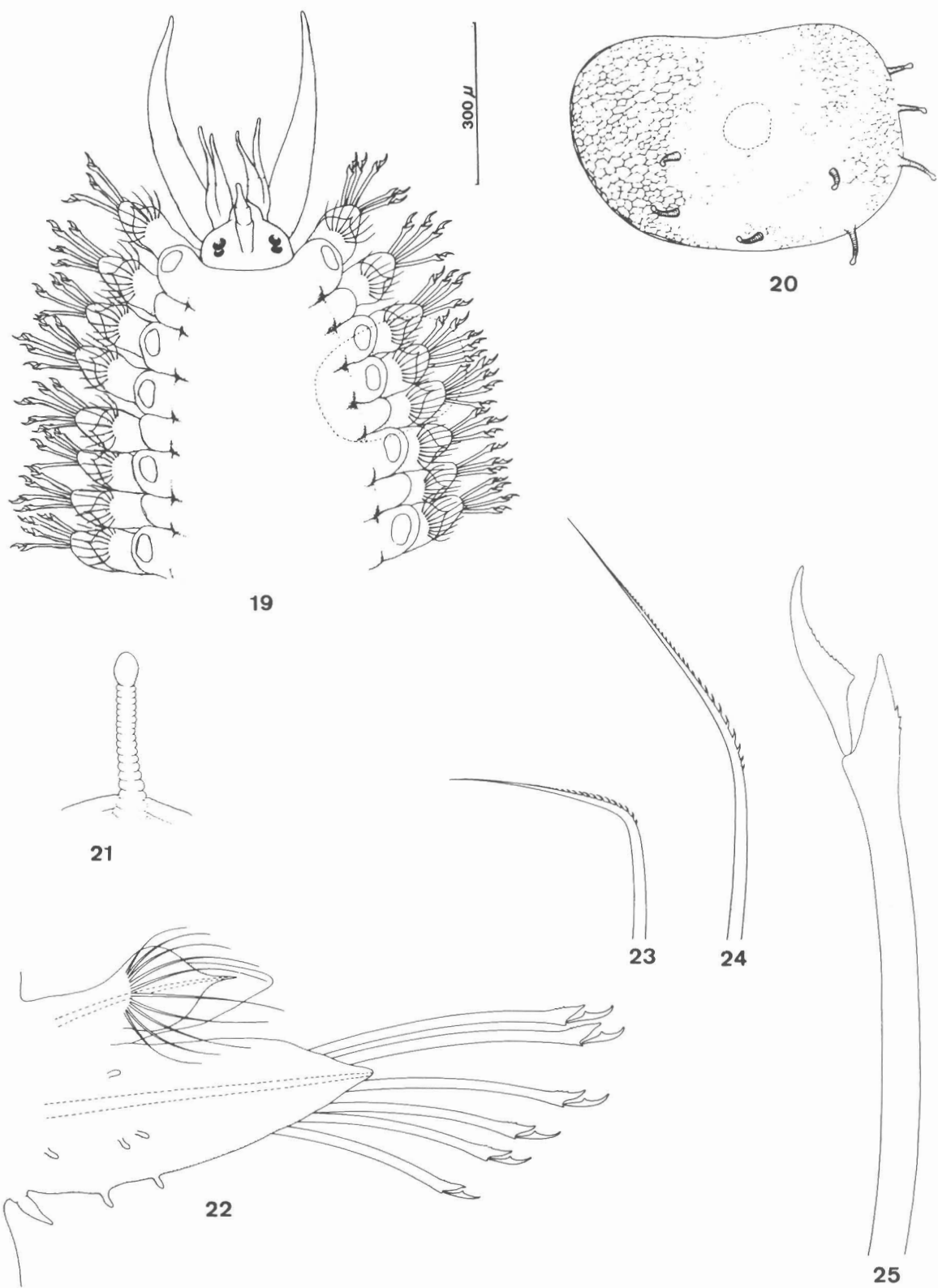
Figura 14 – Parapódio do 2º setífero.

Figura 15 – Parapódio do 8º setífero, com glândula fiandeira.

Figura 16 – Cerdas neuropodial, aristada.

Figura 17 – Cerdas neuropodial, penicilada.

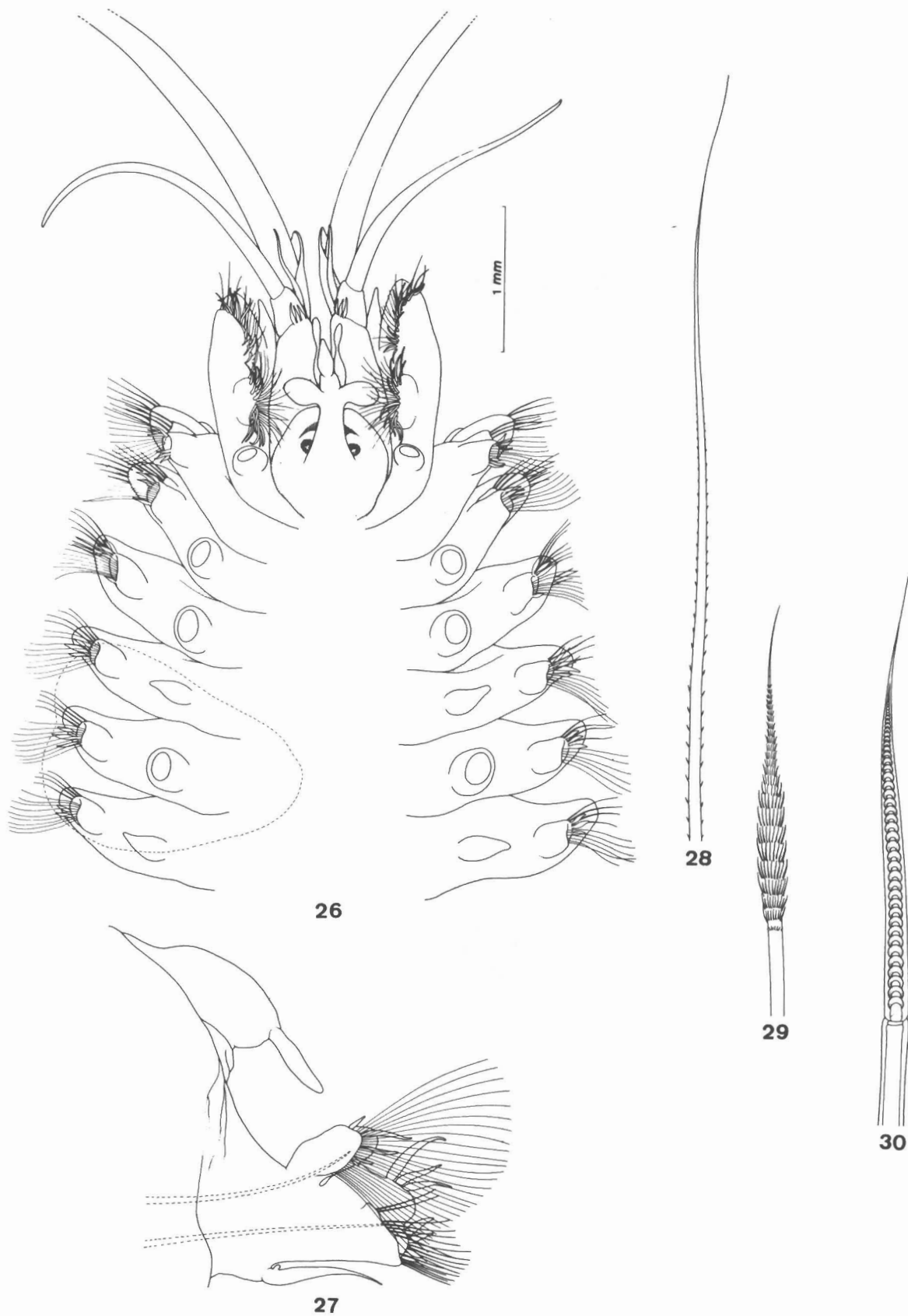
Figura 18 – Cerdas neuropodial, falciforme.



Pholoë minuta (FABRICIUS)

Figura 19 – Região anterior, vista dorsal; escamas removidas.
 Figura 20 – Escama de um setígero mediano.

Figura 21 – Detalhe de uma papila marginal anelada.
 Figura 22 – Parapódio de um setígero mediano.
 Figuras 23 e 24 – Cerdas notopodiais, simples.
 Figura 25 – Cerda neuropodial, falcígera.



Ehlersileanira incisa (GRUBE)

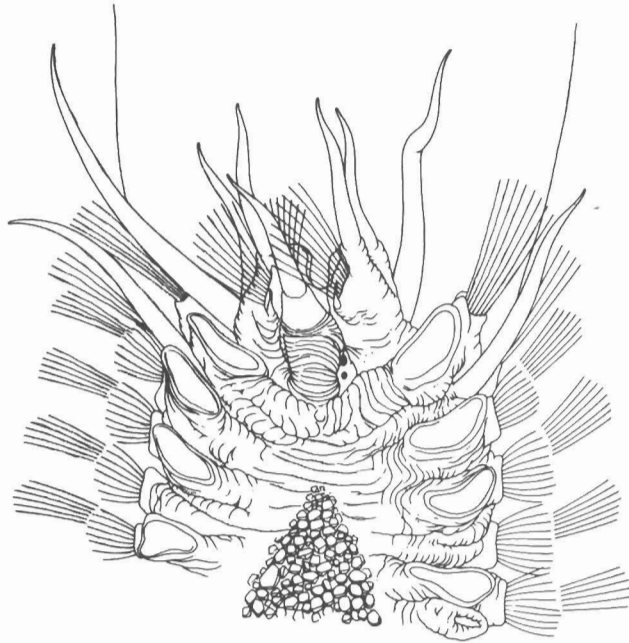
Figura 26 - Região anterior, vista dorsal; escamas removidas.

Figura 27 - Parapódio de um setígero mediano.

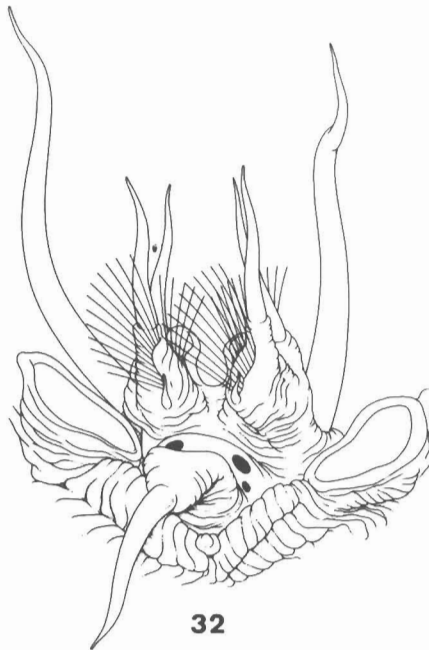
Figura 28 - Cerda notopodial, capilar.

Figura 29 - Cerda neuropodial, em espiga.

Figura 30 - Cerda neuropodial, composta.



31

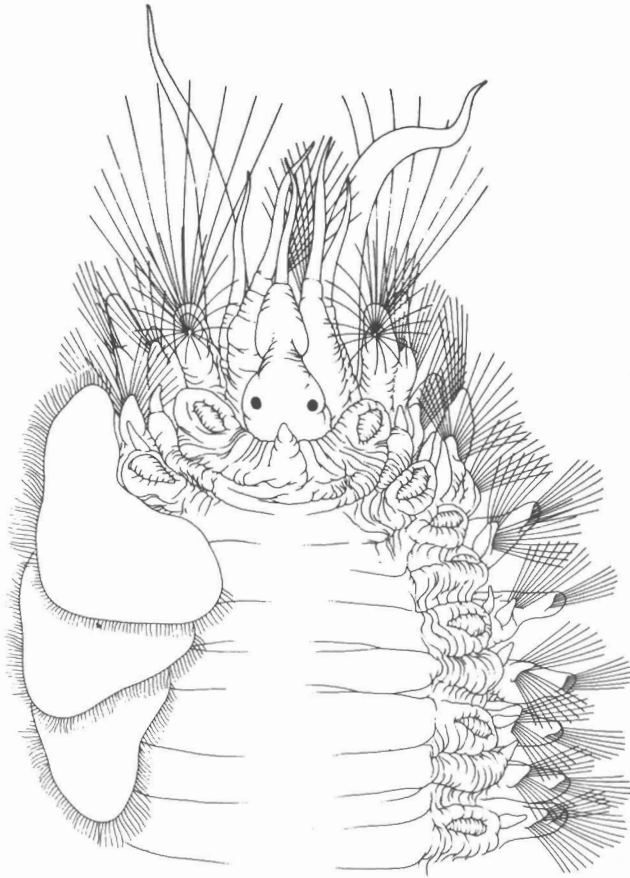


32

Psammolyce arenosa (DELLE CHIAJE)

Figura 31 – Região anterior, vista dorsal; escamas removidas.

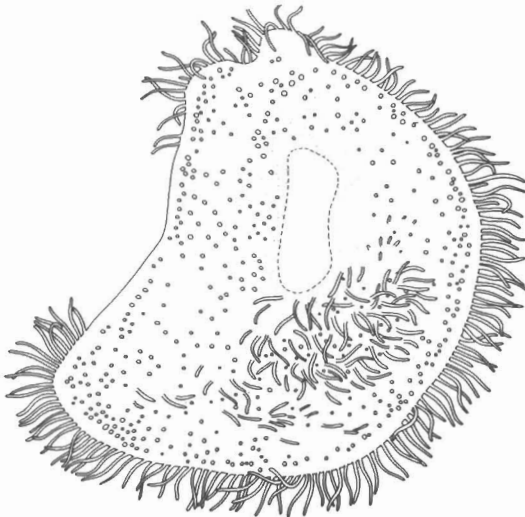
Figura 32 – Região anterior, antena mediana rebatida para trás, mostrando os olhos.



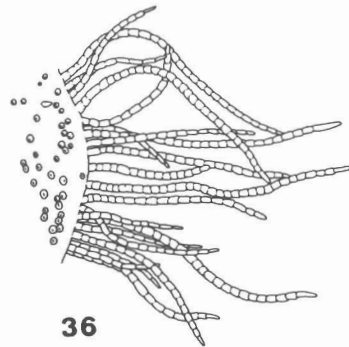
33



34



35



36

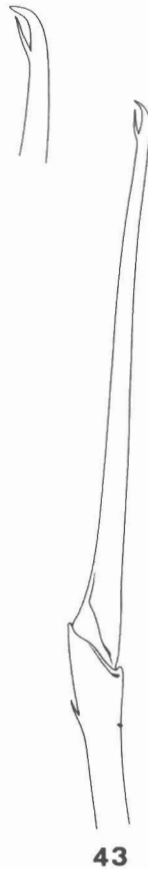
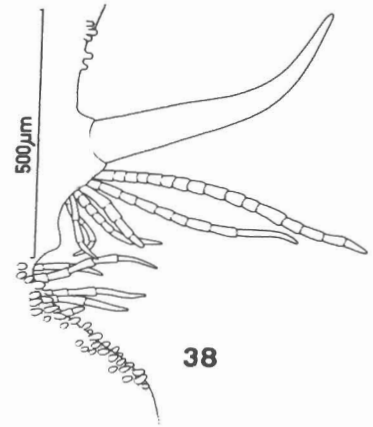
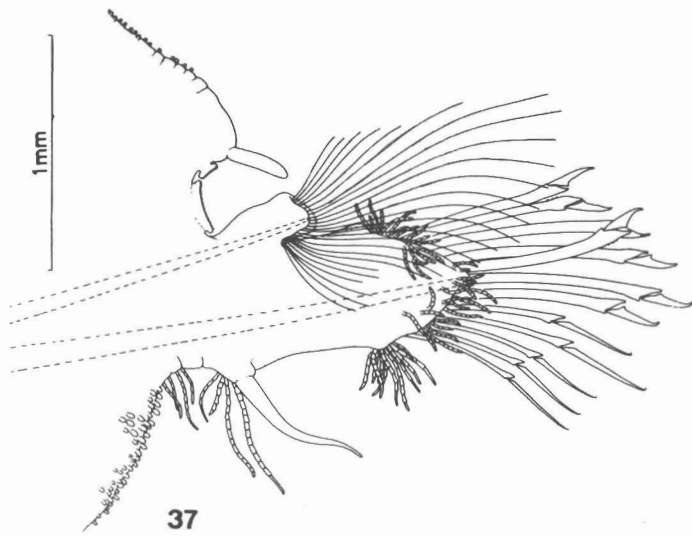
***Psammolyce catenulata* sp. nov.**

Figura 33 – Região anterior, vista dorsal; escamas parcialmente removidas.

Figura 34 – Região anterior, vista lateral.

Figura 35 – Escama de um setífero mediano.

Figura 36 – Detalhe do bordo externo de uma escama de um setífero mediano.



***Psammolyce catenulata* sp. nov.**

Figura 37 – Parapódio de um setígero mediano.

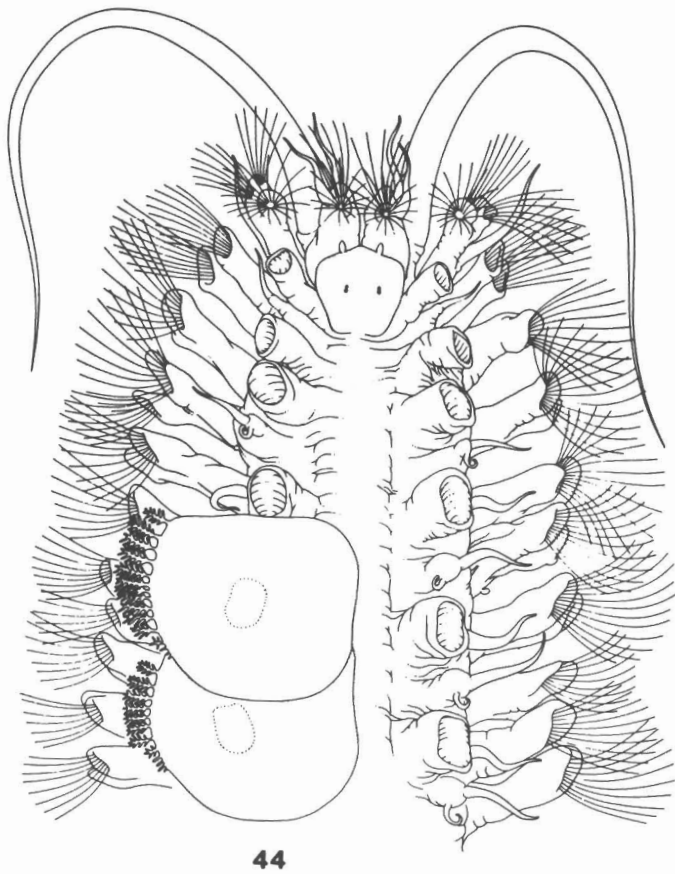
Figura 38 – Detalhe da região do cirro ventral de um setígero mediano.

Figuras 39-41 – Cerdas neuropodiais do 39º setígero, res-

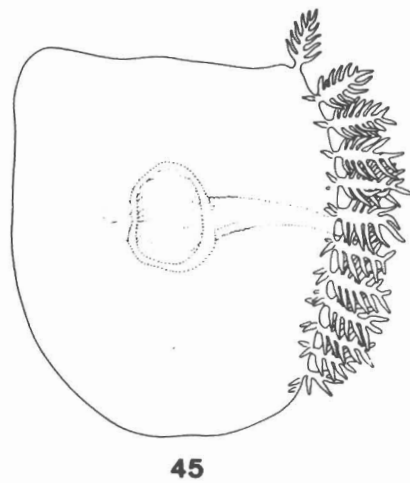
pectivamente, dos feixes superior, mediano e inferior.

Figura 42 – Cerdas neuropodiais superior de um setígero mediano.

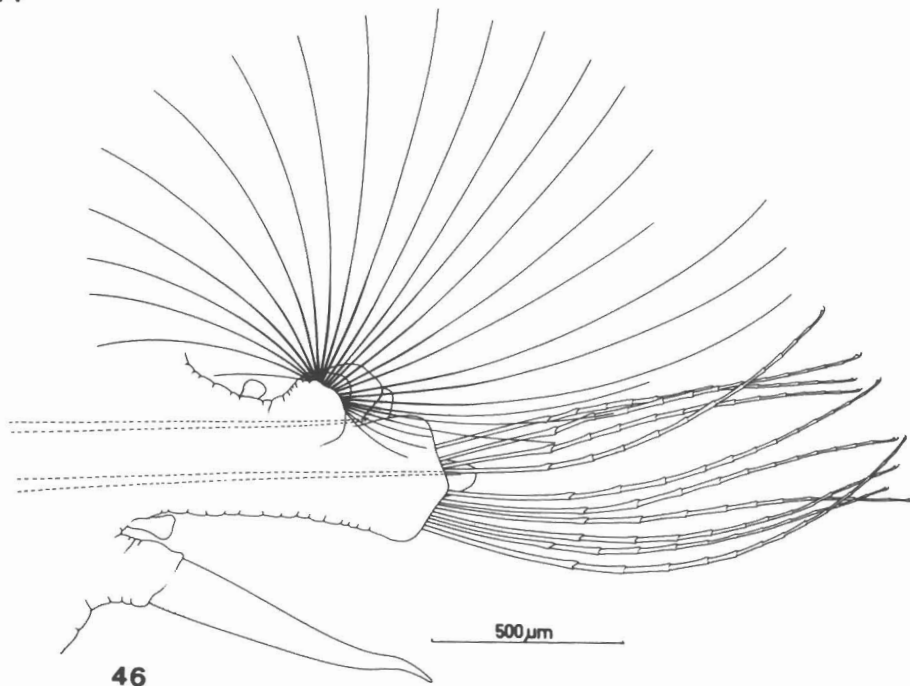
Figura 43 – Cerdas neuropodiais inferior de um setígero mediano e detalhe de sua extremidade.



44



45



46

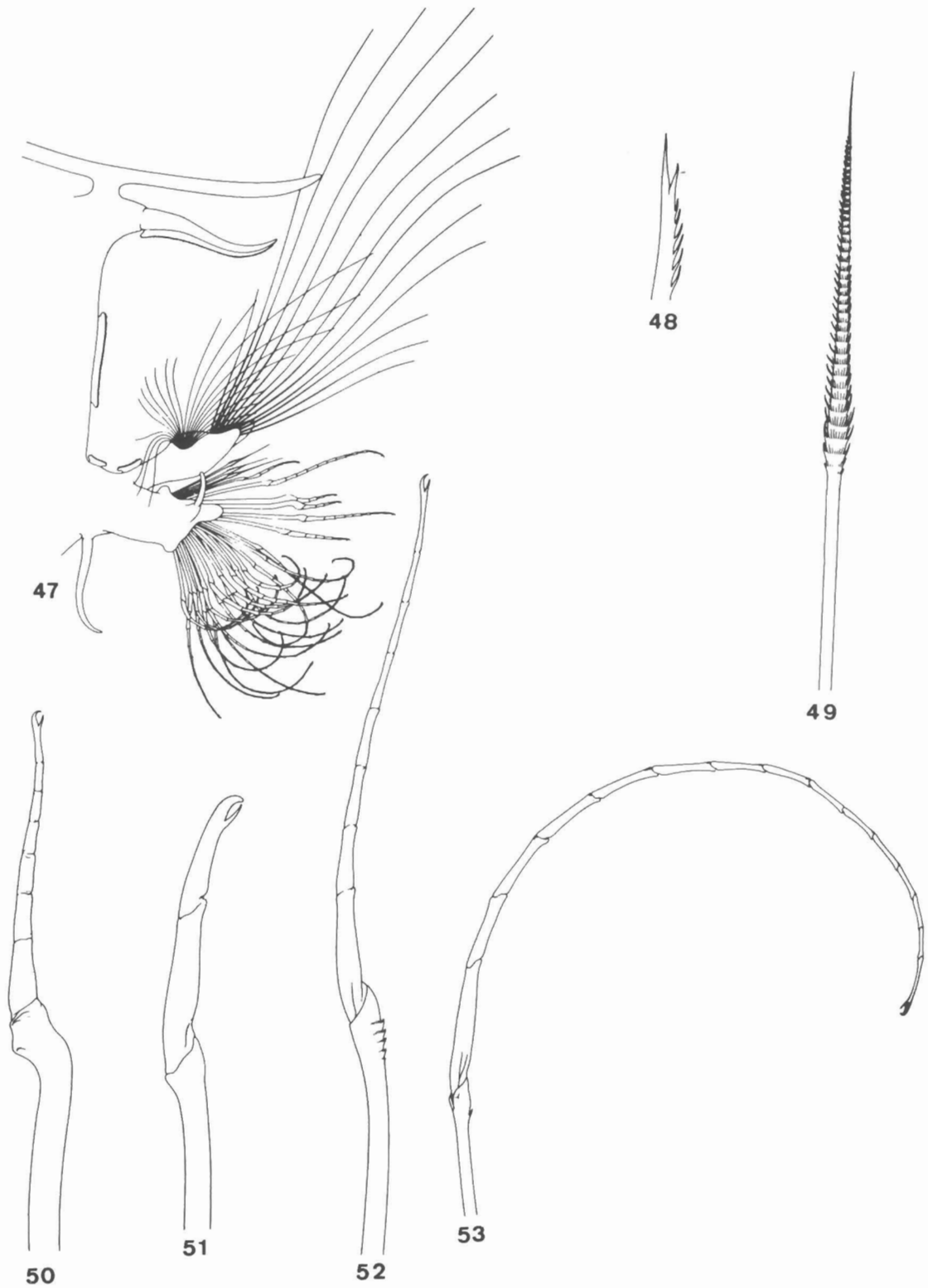
Sigalion taquari sp. nov.

Figura 44 – Região anterior, vista dorsal; escamas par-

cialmente removidas.

Figura 45 – Escama de um setífero mediano.

Figura 46 – Parapódio de um setífero anterior.



***Sigalion taquari* sp. nov.**

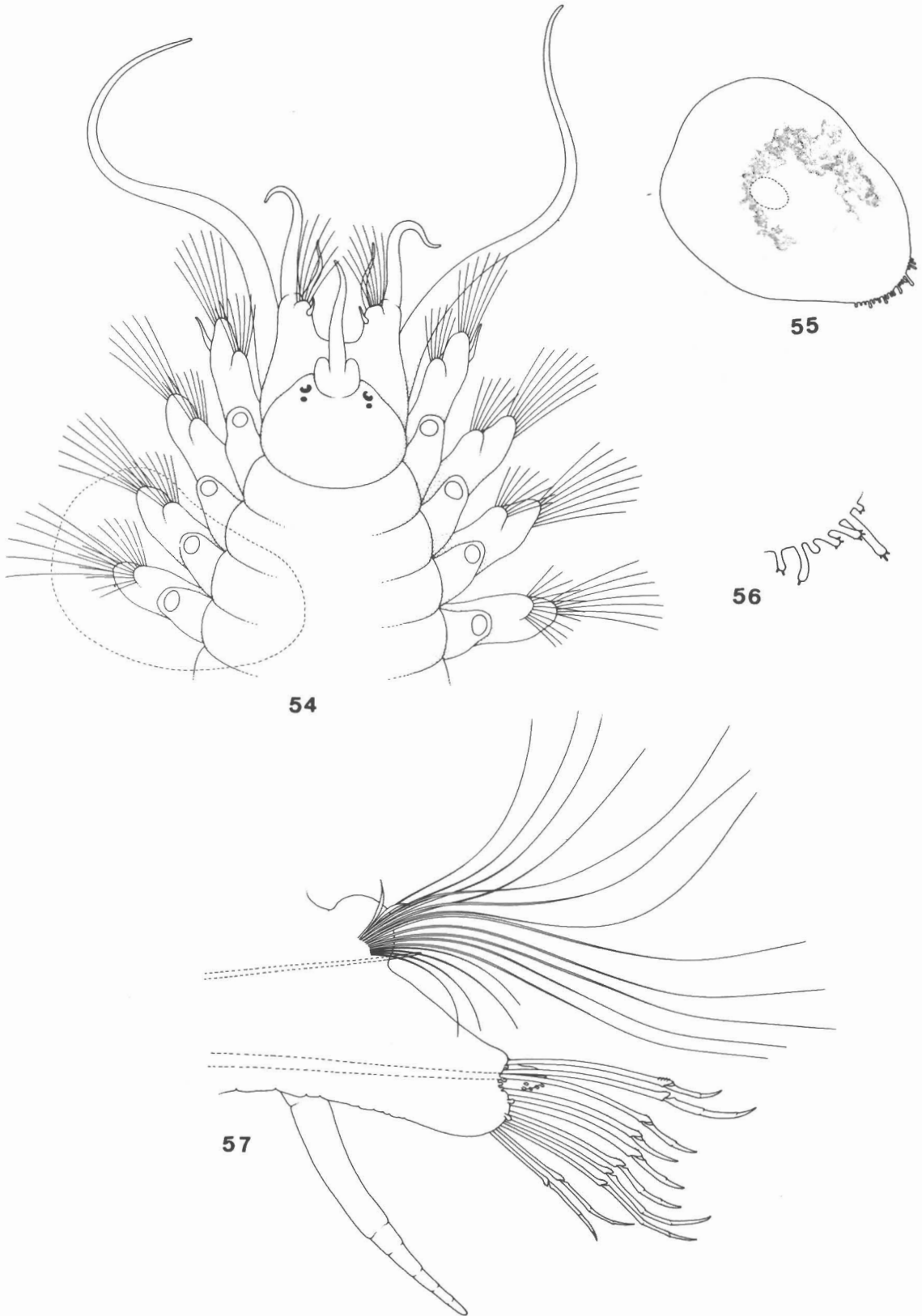
Figura 47 – Parapódio de um setífero posterior.

Figura 48 – Detalhe da extremidade de uma cerda noto-

podial, capilar.

Figura 49 – Cerda neuropodial simples, superior.

Figuras 50-53 – Cerdas neuropodiais compostas, articula-



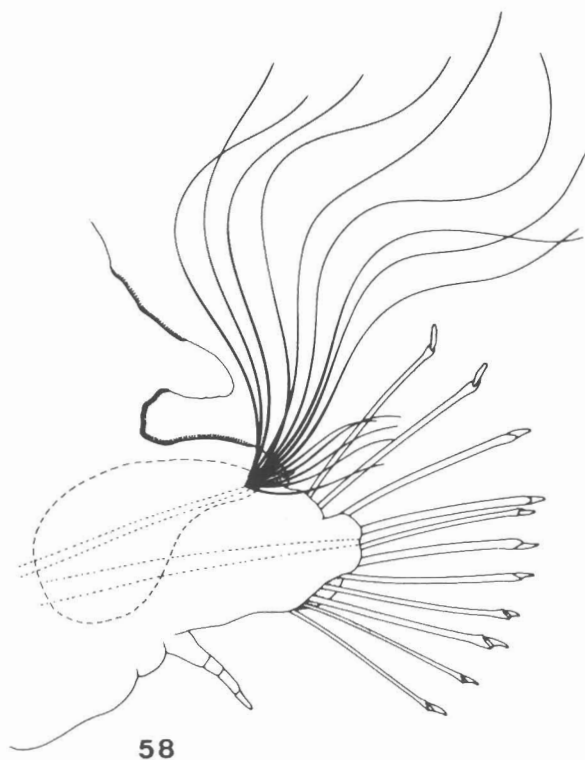
***Sthenelabella atypica* BERKELEY & BERKELEY**

Figura 54 – Região anterior, vista dorsal; escamas removidas.

Figura 55 – Escama do 1º setífero.

Figura 56 – Detalhe do bordo externo, de uma escama.

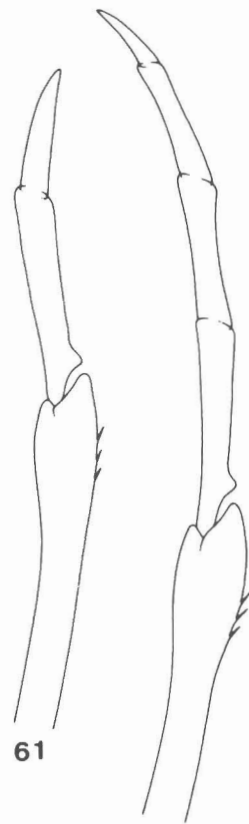
Figura 57 – Parapódio de um setífero anterior.



58



59



61

62



63



64



65



66



60

***Sthenelanelia atypica* BERKELEY & BERKELEY**

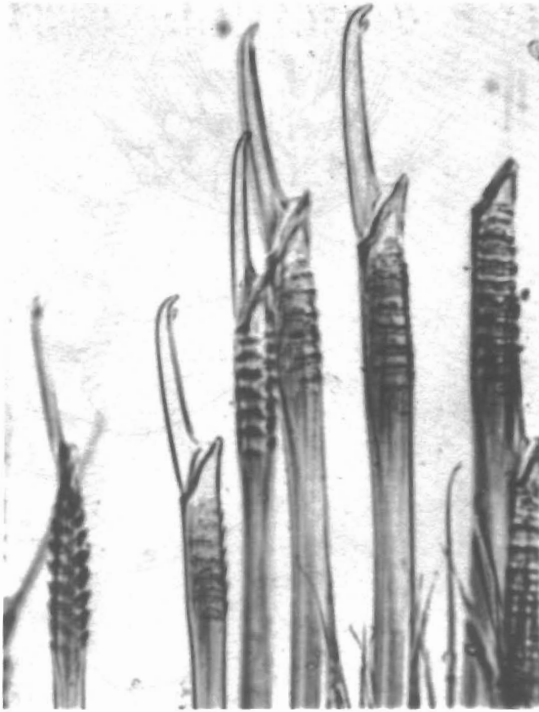
Figura 58 – Parapódio de um setígero posterior.

Figuras 59-62 – Cerdas neuropodiais dos parapódios ante-

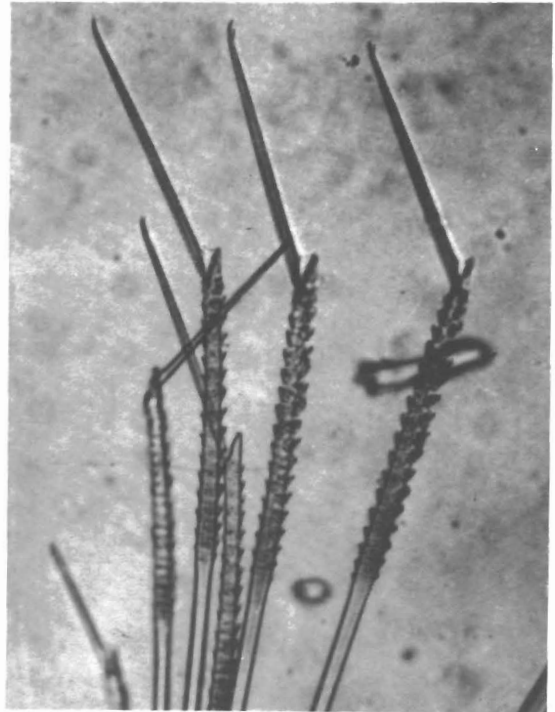
riores.

Figuras 63-66 – Cerdas neuropodiais dos parapódios pos-

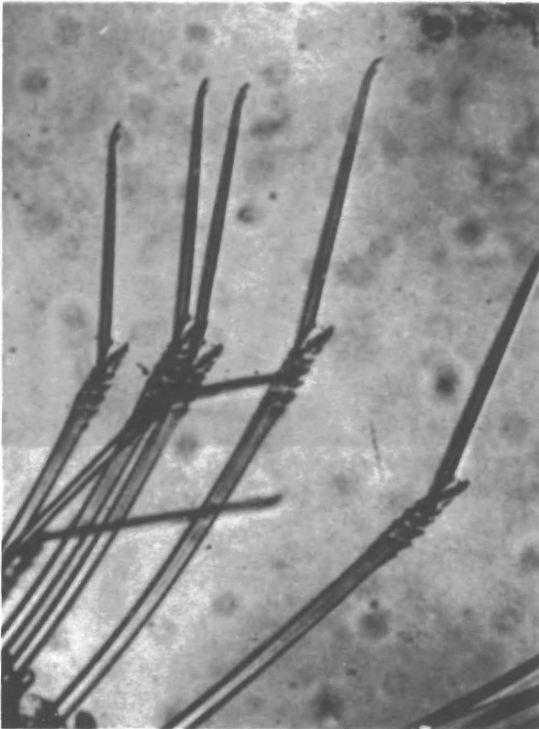
teriores.



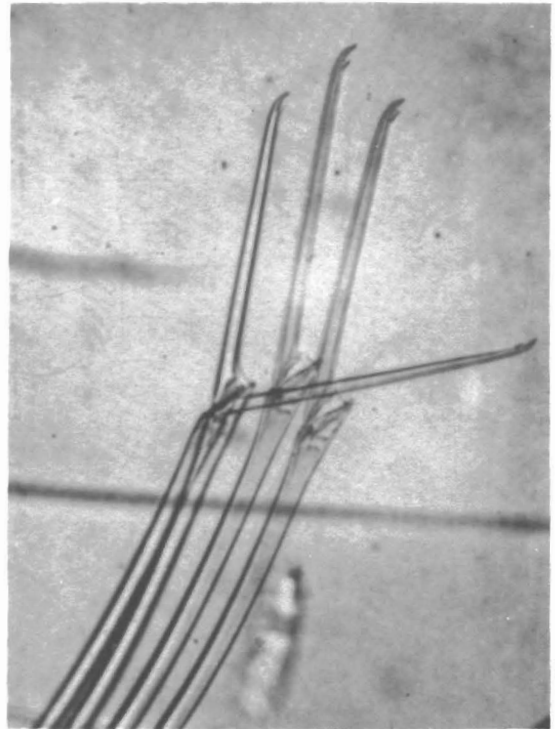
67



68



69

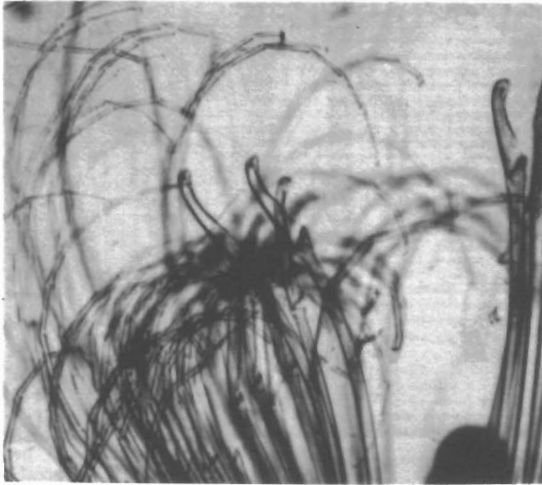


70

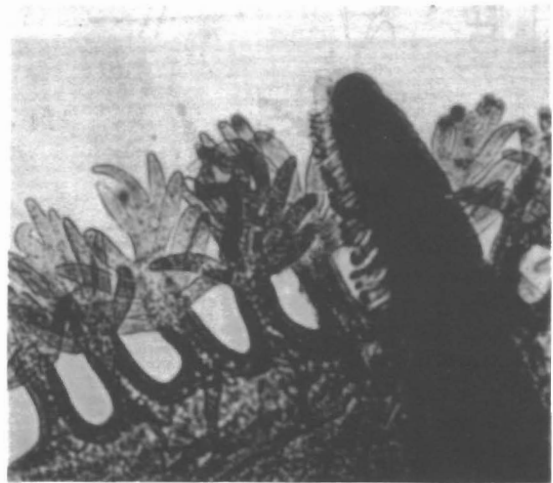
***Psammolyce fimbriata* HARTMAN**

Figura 67 – Cerdas neuropodiais superiores do 3º setígero.
 Figura 68 – Cerdas neuropodiais inferiores do 3º setígero.

Figura 69 – Cerdas neuropodiais inferiores do 4º setígero.
 Figura 70 – Cerdas neuropodiais inferiores de um setígero mediano.



71

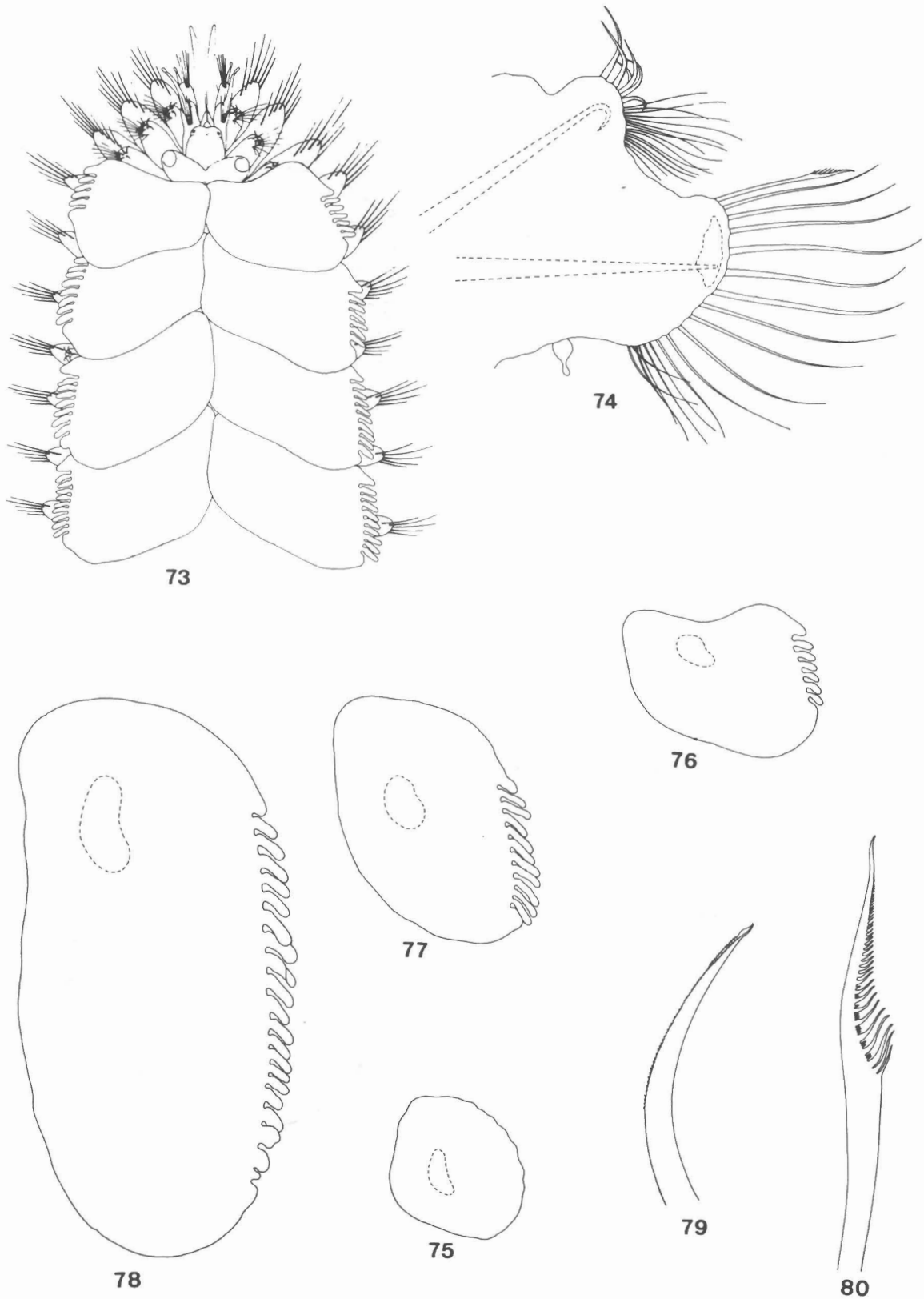


72

***Thalenessa edwardsi* (KINBERG)**

Figura 71 – Cerdas neuropodiais inferiores do 39º setígero.

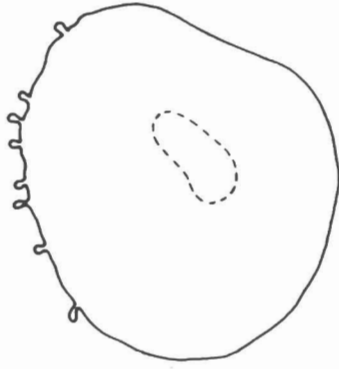
Figura 72 – Detalhe do bordo externo de uma escama de uma brânquia.



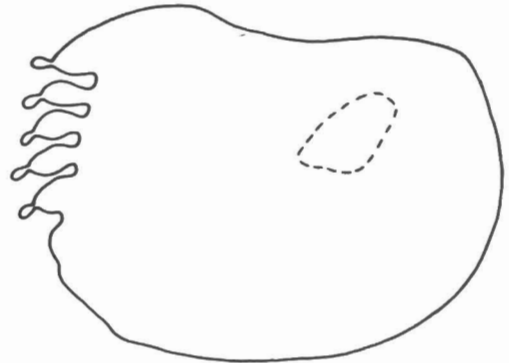
Grubeulepis fimbriata (TREADWELL)

Figura 73 – Região anterior, vista dorsal; com escamas.
 Figura 74 – Parapódio de um setífero mediano.
 Figura 75 – Escama do primeiro par.

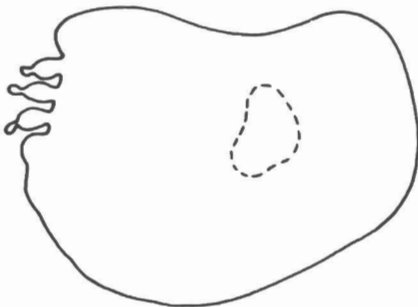
Figura 76 – Escama do segundo par.
 Figura 77 – Escama de um setífero mediano.
 Figura 78 – Escamas do 129.
 Figura 79 – Cerda notopodial acicular, geniculada.
 Figura 80 – Cerda neuropodial, pectinada.



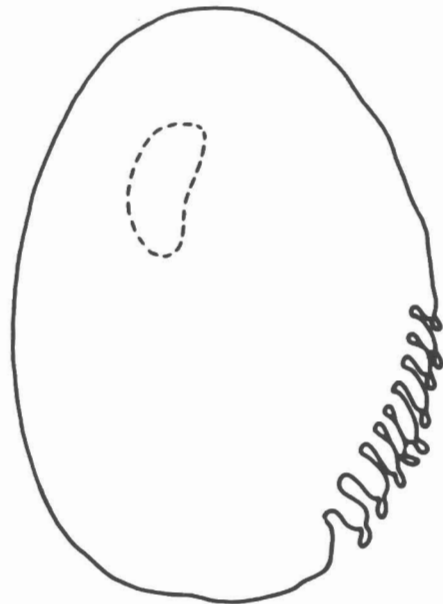
81



82



83



84

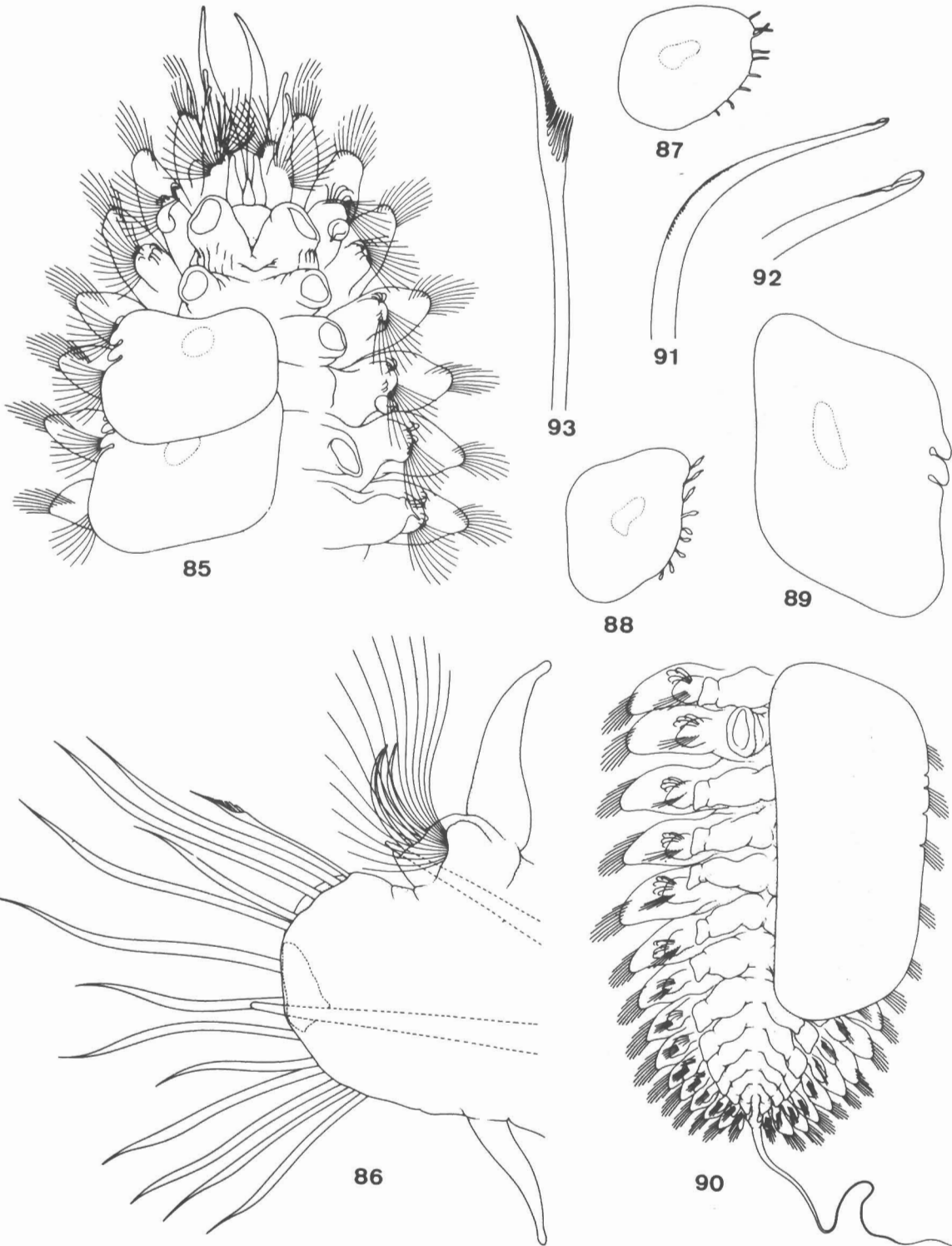
Grubeulepis tebbiei PETTIBONE

Figura 81 – Escama do primeiro par.

Figura 82 – Escama do segundo par.

Figura 83 – Escama de um setígero mediano.

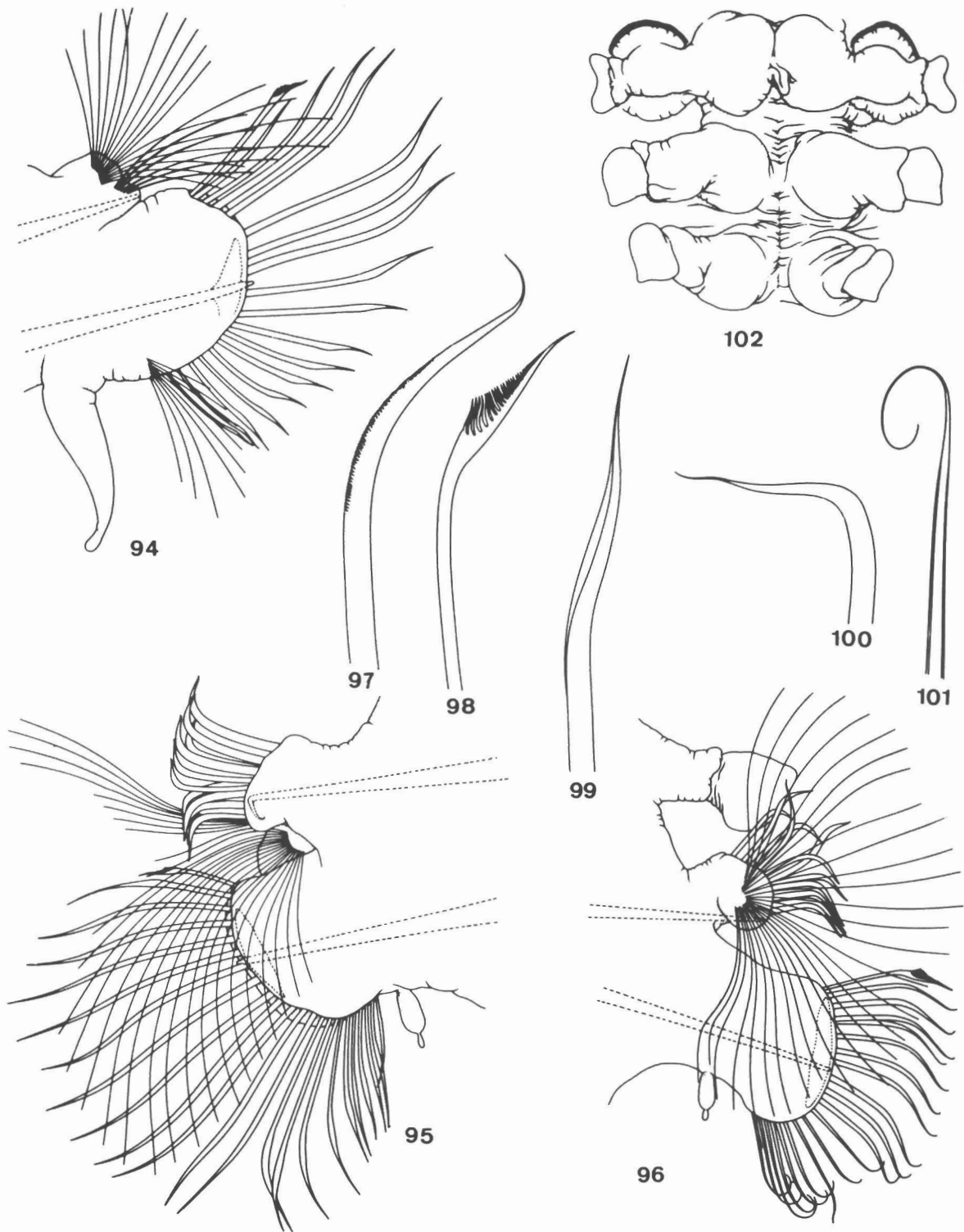
Figura 84 – Escama do 129º par.



***Pareulepis multibranchiata* sp. nov.**

- Figura 85 – Região anterior, vista dorsal; escamas parcialmente removidas.
 Figura 86 – Parapódio de um setífero anterior.
 Figura 87 – Escama do primeiro par.
 Figura 88 – Escama do segundo par.

- Figura 89 – Escama de um setífero mediano.
 Figura 90 – Região anterior, vista dorsal, com uma das escamas do 129º par.
 Figuras 91 e 92 – Cerdas notopodiais aciculares, geniculadas.
 Figura 93 – Cerda neuropodial, pectinada.



***Pareulepis multibranchiata* sp. nov.**

- Figura 94 – Parapódio do 39º setífero.
 Figura 95 – Parapódio do 109º setífero.
 Figura 96 – Parapódio de um setífero posterior.
 Figura 97 – Cerda notopodial de um setífero posterior.

- Figura 98 – Cerda neuropodial, pectinada.
 Figura 99-101 – Cerdas neuropodiais.
 Figura 102 – Vista dorsal de 3 segmentos da região posterior, incluindo o último segmento branquífero e 2 segmentos com lamelas cordiformes.